



**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E
MATEMÁTICA - PPGECM**



MARCIEL SANTOS E SANTOS

**MULHERES, SABERES E SEMENTES:
COLETORAS DO AMANHÃ, TECENDO REDES DE RESISTÊNCIA**

Barra do Bugres - MT

2023

MARCIEL SANTOS E SANTOS

**MULHERES, SABERES E SEMENTES:
COLETORAS DO AMANHÃ, TECENDO REDES DE RESISTÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECEM, da Universidade do Estado de Mato Grosso “Carlos Alberto Reyes Maldonado” (UNEMAT) Campus Universitário “Dep. Est. Renê Barbour”, de Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Linha de Pesquisa: Ensino, Aprendizagem e Formação de Professores em Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. João Severino Filho

Barra do Bugres - MT

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

S237m	SANTOS, Marciel Santos. Mulheres, Saberes e Sementes: Coletoras do Amanhã, Tecendo Redes de Resistência. / Marciel Santos Santos - Barra do Bugres, 2024. 93 f.; 30 cm. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Ensino de Ciências e Matemática, Faculdade de Ciências Exatas e Tecnológicas, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2024. Orientador: João Severino Filho 1. Mulheres. 2. Resistência. 3. Saberes. I. Marciel Santos Santos. II. Mulheres, Saberes e Sementes: Coletoras do Amanhã, Tecendo Redes de Resistência.: . CDU 398.2
-------	--

MARCIEL SANTOS E SANTOS

MULHERES, SABERES E SEMENTES
Coletoras do Amanhã Tecendo Redes de Resistência

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências e Matemática – PPGECM - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Câmpus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbour” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática.

Aprovado em: 01 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 JOAO SEVERINO FILHO
Data: 08/02/2024 15:57:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. João Severino Filho (PPGECM/UNEMAT)
Orientador

Documento assinado digitalmente
 ADAILTON ALVES DA SILVA
Data: 25/12/2023 15:24:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Adailton Alves da Silva (PPGECM/UNEMAT)
Examinador Interno

Documento assinado digitalmente
 JOAO PEDRO ANTUNES DE PAULO
Data: 02/01/2024 14:01:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. João Pedro Antunes de Paulo (UNIFESSPA)
Examinador Externo

Dedico este trabalho à comunidade do Bambu, à qual tenho imensa gratidão, por me acolherem durante esses anos de pesquisa. Foram tantos momentos de partilha, tantas muvucas, e várias cuias de chimarrão. Termino esta dissertação mais enriquecido, mais feliz e mais entusiasmado por ter bebido de tantas experiências.

À Dona Jacinta, Dona Maria, Eliane, Maria José, Dona Neide, Djennifer, e todas as mulheres que fazem parte desta comunidade. Em cada semente que vocês coletam, cada matriz que vocês preservam, cada muvuca que vocês realizam, cada semente que vocês plantam, cada nascente que vocês preservam, eu vejo sinais de esperança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, minha fonte de ternura e entusiasmo.

Pela graça de Deus, sou privilegiado com uma mãe e pai, Nilva e Manoel, minhas bases e alicerces, aos quais agradeço imensamente por estarem comigo em todos os momentos de minha vida.

Agradeço a Auri, por sua capacidade de inspirar, que vai além das palavras. Ela representa, para mim, fonte de inspiração e sabedoria. Foi com ela que descobri que a maior riqueza de uma pessoa é sua incompletude. Deus nos permitiu cruzar os mesmos caminhos. Nesse mestrado, ela foi fundamental. Sem ela não teria acontecido.

Agradeço ao meu orientador, o companheiro, professor João Severino Filho, que coloca sua profissão a serviço da justiça social. Obrigado pelo caminho que construímos, e obrigado pela compreensão e paciência. O professor João é um bom professor porque ele é um bom humano. Gratidão, companheiro!

Ao companheiro Adailton, vai também meus sinceros agradecimentos, não somente em meu nome, mas em nome de todas as pessoas e comunidades da região Araguaia e Xingu que você oportunizou, possibilitando que a educação desta região tenha protagonismo. Somos gratos pelo teu trabalho. Nesta mesma ocasião, agradeço ao professor João Pedro que, junto ao professor Adailton, assumiram com competência a composição da banca de defesa de minha dissertação. Gratidão, companheiros, pelas contribuições ao meu trabalho.

Agradeço à Rede de Sementes do Xingu, por oportunizar que as sabedorias das mulheres coletoras de sementes sejam difundidas para o mundo. A Rede é, de fato, uma Rede que tece estratégias de fraternidade, de justiça social e empoderamento feminino. Gratidão por atuarem na região do Araguaia e Xingu mato-grossenses, uma região carente de experiências transformadoras da realidade. Agradeço, ainda, por permitirem realizar meu trabalho de pesquisa de mestrado junto a essa instituição.

Nesta mesma intenção, agradeço a comunidade do Bambu, na pessoa das mulheres coletoras de sementes, que formam um braço da Rede de Sementes no PDS Bordolândia. Obrigado pela acolhida, pelas partilhas e, principalmente, pelo trabalho que vocês realizam, de coletar sementes e semear vidas!

Agradeço a Prelazia de São Félix do Araguaia que, desde sua criação, atua nesta região contra a pobreza e pela promoção da vida plena às pessoas que sofrem as injustiças

sociais promovidas pelo latifúndio. Agradeço, mais uma vez, a Deus, que permitiu que Pedro Casaldáliga, no final da década de 60, se instalasse aqui, lutando pela vida digna daquelas pessoas, que estavam sendo silenciadas. Grato pela criação e atuação da Pastoral da Terra, do Centro de Direitos Humanos e do Conselho Indigenista Missionário, que aqui atuaram e atuam, promovendo vida digna às trabalhadoras, indígenas, mulheres, posseiros, peões, terra e às águas.

À Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT que, da mesma forma, promove educação de qualidade pelos cantos desse Mato Grosso querido. Agradeço a todas as profissionais que atuam em prol de uma educação de qualidade. Sou grato pela oportunidade de me qualificar profissionalmente nesta instituição.

À coordenação da CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Por fim, mas, não menos importante, agradeço ao parceiro Renê, colega de trabalho e de mestrado, pelas discussões sobre temas que nos impulsionam ao universo das reflexões acadêmicas.

“Eu levanto a minha voz, não para que eu possa gritar, mas para que aquelas sem voz possam ser ouvidas.”

(Malala Yousafzai, durante a cerimônia de entrega do Prêmio Nobel da Paz, em 2014)

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada junto às mulheres coletoras de sementes, pertencentes à comunidade do Bambu, dentro do Projeto de Desenvolvimento Sustentável Bordolândia, no município de Serra Nova Dourada – MT. Este grupo de mulheres é vinculado à Associação Rede de Sementes do Xingu (ARSX). Os objetivos desta dissertação permeiam por compreender como são articulados os saberes e fazeres das mulheres coletoras de sementes no processo de identificação, seleção, armazenamento, transporte e comercialização de sementes da Rede de Sementes do Xingu, no PDS Bordolândia, e como estes conhecimentos contribuem para o empoderamento feminino; conhecer e refletir sobre a organização social dessas mulheres; analisar a dinâmica do sistema econômico estabelecido pelo Grupo, como forma de sobrevivência e resistência; compreender a importância dos saberes populares na instrumentalização e fortalecimento do Grupo de mulheres, em prol da Resistência feminina; identificar os processos socioeducativos produzidos pelo Grupo e os diferentes espaços em que eles ocorrem. O caminho metodológico se constituiu de pesquisa qualitativa e etnográfica, quando pretendeu-se viver o cotidiano do campo e acompanhar as coletas de sementes. Organizei-me de modo que pudesse observar a divisão das tarefas e distribuição de renda entre as mulheres. As informações produzidas foram registradas no caderno de campo, a partir do uso de gravadores nas entrevistas abertas e diálogos espontâneos. Na primeira unidade, intitulada como “Fragmentos da Minha História”, busco contextualizar o leitor para a cidade de Santa Terezinha – MT e os conflitos por terra ocorridos naquela região. Apresento, também, um relato de minha trajetória profissional. Na segunda unidade, “Bordolândia: Rede de Sementes de Resistência e Alteridade”, apresento informações sobre a organização da comunidade onde vivenciei longos meses de pesquisa, mostrando a localização geográfica e principais características da organização social da comunidade do Bambu, situada dentro do projeto de assentamento. Depois desse panorama, apresento a Associação Rede de Sementes do Xingu, que há 15 anos atua nesta região. A terceira unidade “Etnociências e o Germinar do Protagonismo Feminino” trata do protagonismo de um grupo de coletores e coletoras de sementes, mostrando a força das mulheres que se organizam em defesa do seu protagonismo social, cultural e financeiro. A quarta unidade “A Coleta de Sementes como Potencial de Construção Social”, dedica-se a mostrar que o trabalho das coletoras de sementes configura-se em uma forma de valorização dos saberes nativos que enriquecem a cultura e fortalece as lutas pela permanência na terra. A quinta unidade “Muvuca de sementes, muvuca de gente”, relata minha experiência com o curso de muvuca, oferecido pela ARSX às coletoras de sementes desta região. O cerne desta pesquisa está pautado nas Etnociências dos saberes e fazeres das mulheres coletoras de sementes, que utilizam estes saberes para constituírem um processo coletivo e organizado economicamente, de forma autossustentável.

Palavras-chave: Mulheres, resistência, saberes.

ABSTRACT

This research was carried out with women seed collectors belonging to the Bambu community, within the Bordolândia Sustainable Development Project, in the municipality of Serra Nova Dourada – MT. This group of women is linked to the Xingu Seed Network Association (ARSX). The objectives of this dissertation are to understand how the knowledge and skills of women seed collectors are articulated in the process of identifying, selecting, storing, transporting and selling seeds from the Xingu Seed Network in the Bordolândia PDS and how this knowledge contributes to women's empowerment; to know and reflect on the social organization of these women; analyze the dynamics of the economic system established by the Group, as a form of survival and resistance; understand the importance of popular knowledge in instrumentalizing and strengthening the women's group, in favor of female resistance; identify the socio-educational processes produced by the Group and the different spaces in which they take place. The methodological approach consisted of qualitative, ethnographic research, where the aim was to experience daily life in the field and accompany the seed collections. I organized myself so that I could observe the division of tasks and income distribution among the women. The information produced was recorded in a field notebook, and I used tape recorders for open-ended interviews and spontaneous dialogues. In Chapter I "Bordolândia: Seed Network of Resistance and Alterity", I present information about the organization of the community where I spent many months researching, showing the geographical location and main characteristics of the social organization of the Bambu community, located within the settlement project. After this overview, I present the Xingu Seed Network Association, which has been operating in this region for 15 years. Chapter II "Ethnoscience and the Germination of Female Protagonism" deals with the protagonism of a group of seed collectors, showing the strength of women who organize themselves in defence of their social, cultural and financial protagonism. Chapter III "Qualified Listening and a Transforming Experience" is dedicated to showing that the work of seed collectors is a way of valuing native knowledge that enriches culture and strengthens the struggle to remain on the land. Chapter IV, "Muvuca de sementes, muvuca de gente", recounts my experience with the muvuca course offered by ARSX to the region's seed collectors. The core of this research is based on the ethnoscience of the knowledge and practices of women seed collectors who use this knowledge to create a collective and economically organized process that is self-sustainable.

Keywords: Women, resistance, knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Plantação de sementes nas linhas da muvuca, por Andreia e Djenifer Righi	12
Figura 2 – Mapa com os municípios da Prelazia de São Félix do Araguaia	21
Figura 3 – Transplantando mudas de banana, em 2019, no P.A Santa Rita em Ribeirão Cascalheira.....	23
Figura 4 – Atividade do CDHDPC na aldeia Nova Pukanu, Luciara – MT, povo Kanela do Araguaia.....	24
Figura 5 – Estudantes em um seminário de Teologia, da Escola de Teologia Pedro Casaldáliga	26
Figura 6 – Lavradoras reunidas, empenhadas na construção do povoado de Serra Nova que, depois muita resistência, se tornaria a cidade de Serra Nova Dourada	28
Figura 7 – Trabalhador a caminho de casa, depois de um dia de trabalho, em Serra Nova....	29
Figura 8 – Entrada da Bordon S/A Agropecuária da Amazônia (Fazenda Bordolândia)	30
Figura 9 – Acampamento das trabalhadoras rurais sem-terra na fazenda Bordolândia	32
Figura 10 – Famílias de trabalhadoras rurais sem-terra acampadas às margens da Bordolândia, aguardando o INCRA com a demarcação.....	33
Figura 11 – Barraco de madeira e lona, construído para a permanência das famílias durante o período de espera pela terra	34
Figura 12 – Assentamentos de Mato Grosso - informações gerais	35
Figura 13 – A Rede é como uma floresta	40
Figura 14 – Plantas matrizes: Ipê Verde e Garapeira, respectivamente	44
Figura 15 – Ilustração do calendário anual de logística da coleta	45
Figura 16 – Potencial de coleta de Dona Dalvina, P. A. Manah	46
Figura 17 – Matriz de cajueiro em época de produção e polpas de frutas como caju, acerola, mamão, murici e buriti, colhidos por Dona Maria	48
Figura 18 – Beneficiamento de sementes pela coletora Dona Sônia, do PDS Bordolândia ...	50
Figura 19 – Vista da casa onde residem Dona Jacinta e Pedro	54
Figura 20 – Sementes de espécies como caju, xixá e pente de macaco, coletadas por Dona Jacinta, dispostas por diferentes ambientes da casa	55
Figura 21 – Cartaz elaborado por Luiz Fernando e Manuéli, de 8 anos, no curso de muvuca, em 2022	60
Figura 22 – Sementes sendo plantadas na terra, em linhas de muvuca, na sede da ACAMPAZ	63

Figura 23 – Germinação da muvuca três meses após o plantio.....	64
Figura 24 – Germinação e crescimento das sementes de caju dentro da muvuca.....	65
Figura 25 – Residência de Dona Maria, registrada do alto da serra, dentro do sítio da família	66
Figura 26 – Sementes de caju, ipê branco, boca de sapo e tingui do cerrado, em processo de beneficiamento, coletadas por Dona Maria	67
Figura 27 – Cultivo de hortaliças dentro do quintal de Dona Maria	68
Figura 28 – Sementes nativas, frutíferas e de adubação verde, coletadas pelos grupos da Rede, dispostas sobre uma lona onde serão misturadas, formando a muvuca	70
Figura 29 – Mural das expectativas, elaborado pelas participantes do curso de muvuca, promovido pela Rede de Sementes do Xingu, no segundo semestre de 2022.....	71
Figura 30 – Mural das expectativas, elaborado pelas participantes do curso de muvuca, promovido pela Rede de Sementes do Xingu, no segundo semestre de 2022.....	72
Figura 31 – Excerto de Paulo Freire, em cartaz, disposto na parede da sala onde aconteceu a formação de muvuca.....	74
Figura 32 – Momento de orientações e tira-dúvidas antes do plantio da muvuca	75
Figura 33 – Planejamento do plantio de muvuca, elaborado em coletivo.....	76
Figura 34 – Hora da muvuca	77
Figura 35 – Nova floresta nascendo da muvuca.....	79
Figura 36 – Excerto de José Martí (1853), disposto na ornamentação da sala durante a formação em muvuca.....	81

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. FRAGMENTOS DA NOSSA HISTÓRIA	20
2.1. CPT – Araguaia, Amparo das Humildes	22
2.2. Centro de Direitos Humanos Dom Pedro Casaldáliga, a voz daquelas que lutam por justiça	24
2.3. Educação de Jovens e Adultos, uma Experiência com muitos Significados	25
2.4. Escola de Teologia Pedro Casaldáliga, uma experiência da Teologia da Enxada na Prelazia de São Félix Do Araguaia – MT	25
3. BORDOLÂNDIA: REDE DE SEMENTES DE RESISTÊNCIA E ALTERIDADE ...	27
3.1. Entre Cercas e Trincheiras: resistência e identidade	27
3.2. Bordolândia: da repressão à resistência	31
3.3. Estrutura Organizacional da Associação Rede de Sementes do Xingu	37
3.3.1. De mãos dadas, em rede, porque juntas somos mais	41
3.3.2. Rede de saberes e fazeres: grupo de mulheres da Bordolândia cuidando da sociobiodiversidade	42
3.3.3. Processo de seleção, beneficiamento e armazenamento das sementes	49
3.4. A coleta de sementes como contribuição para a permanência na terra	50
3.5. Legislações Brasileiras e a Preservação da Sociobiodiversidade.....	52
4. ETNOCIÊNCIAS E O DESABROCHAR DO PROTAGONISMO FEMININO.....	53
5. A COLETA DE SEMENTES COMO POTENCIAL DE CONSTRUÇÃO SOCIAL .	62
6. MUVUCA DE SEMENTES, MUVUCA DE GENTE.....	70
6.1. Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinha, as coletoras se educam entre si, mediatizadas pelas florestas	73
6.2. O comprometimento das mulheres muvuqueiras	80
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
8. REFERÊNCIAS	86

Figura 1 – Plantação de sementes nas linhas da muvuca, por Andreia e Djenifer Righi



Fonte: Arquivo de Ludmilla Balduino, da ARSX (novembro de 2022).

1. INTRODUÇÃO

Antes, quando eu via uma árvore bonita, eu perguntava para mim mesmo, quantas estacas ela dava. Hoje quando eu chego debaixo de uma árvore, eu olho para cima, para saber se tem sementes pra gente coletar.

Pedro Righi, coletor da Rede de Sementes do Xingu

“Coletoras do amanhã” faz referência às mulheres coletoras de sementes, pertencentes à comunidade do Bambu, dentro do Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Bordolândia, no município de Serra Nova Dourada – MT. Este grupo de mulheres está vinculado à Associação Rede de Sementes do Xingu (ARSX). Elas impulsionam o germinar de um futuro agregador e emancipatório de sonhos no território onde habitam. Conscientes de que a vida não acontece apenas no presente, dedicam seu tempo a tecer redes de resistência, vivendo uma alternativa de vida que fortalece a comunidade e inspira outras mulheres.

Entendo o Projeto de Desenvolvimento Sustentável como um modelo de assentamento implantado pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), na década de 1990, com o objetivo de promover um novo formato de Reforma Agrária. Esse novo modelo baseia-se no uso consciente dos recursos naturais, como a floresta e as águas, e tem a cooperação como um princípio orientador para as ações das comunidades. O PDS Bordolândia, criado em 2010, é fruto dessa política e busca desenvolver práticas sustentáveis que viabilizam o desenvolvimento econômico e social sem causar prejuízos à terra, às águas, às florestas e aos povos.

A pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19) nos colocou em uma crise sanitária mundial e nos faz refletir sobre nossas formas de estar no mundo que, por sua vez, são produzidas pelo modelo de sociedade eurocêntrica, impulsionadas por uma noção hegemônica de progresso predatório que tem contribuído para a geração de tantas outras crises, dentre elas, sanitárias, ambientais e sociais (Giraldo, Matos e Quintero, 2020). Nesse processo, saberes e fazeres nativos são historicamente invisibilizados.

No entanto, esses saberes e fazeres que, ao longo da nossa história, foram silenciados, apresentam-se como possibilidade de superação desse cenário que nos foi imposto pela colonialidade. Em vista disso, nesta pesquisa, adoto uma postura decolonial, pois, “a incorporação do debate decolonial no campo da Educação Matemática no Brasil pode produzir entrelaçamentos potentes com outras perspectivas político-epistêmicas” (Giraldo,

Matos e Quintero, 2020, p. 51). A presente pesquisa propõe investigar a simbologia de uma forma de fortalecimento da figura da mulher atualmente, em especial, a mulher do campo, que protagoniza uma figura de luta e potencializa a autonomia, a independência e o empoderamento social, econômico e intelectual.

Os objetivos permeiam por compreender como são articulados os saberes e fazeres das mulheres coletoras de sementes no processo de identificação, seleção, armazenamento, transporte e comercialização de sementes da Rede de Sementes do Xingu, no PDS Bordolândia, e como estes conhecimentos contribuem para o empoderamento feminino. Além disso, proponho conhecer e refletir sobre a organização social dessas mulheres; analisar a dinâmica do sistema econômico estabelecido pelo Grupo, como forma de sobrevivência e resistência; compreender a importância dos saberes populares na instrumentalização e fortalecimento do Grupo de mulheres, em prol da Resistência feminina; e identificar os processos socioeducativos produzidos pelo Grupo e os diferentes espaços em que eles ocorrem.

O caminho metodológico constituiu-se de pesquisa qualitativa e etnográfica, quando pretendi viver o cotidiano do campo e acompanhar as coletas de sementes. Analisei o Estatuto da Associação Rede de Sementes do Xingu, documentos da Associação Agroecológica Caminho da Paz (ACAMPAZ), à qual o grupo pertence, além de atas de reuniões e outros documentos pertinentes. Organizei-me de modo que pudesse observar a divisão das tarefas e distribuição de renda entre as mulheres. As informações produzidas foram registradas em cadernos de campo, fazendo uso de gravadores nas entrevistas abertas e diálogos espontâneos.

O texto está dividido em cinco unidades. Na primeira Unidade, “Fragmentos da Nossa História”, chamo a atenção da leitora para a região do Araguaia mato-grossense, a fim de que possa perceber que os primeiros grandes conflitos por terra nesta região tiveram início no período da Ditadura Militar, com a chegada das grandes fazendas. Busco, ainda, compartilhar retalhos significativos da minha trajetória de vida, mostrando elementos que contribuíram para a realização desta pesquisa.

Na segunda Unidade, “Bordolândia: Rede de Sementes de Resistência e Alteridade”, apresento elementos sobre a organização da comunidade onde vivenciei longos meses de pesquisa, mostrando a localização geográfica e principais características da organização social da comunidade do Bambu, situada dentro do projeto de assentamento. Após esse panorama, apresento a Associação Rede de Sementes do Xingu que, há 15 anos, atua nesta região. A Rede é composta por diversos grupos de coletoras de sementes nativas e de adubação verde para reflorestamento do Cerrado e Amazônia brasileiros. Dentro desses grupos, as mulheres

são protagonistas, são fontes de sabedorias que, munidas de experiências, aprendem e transmitem seus conhecimentos aos novos integrantes da comunidade.

A terceira Unidade, “Etnociências e o Germinar do Protagonismo Feminino”, trata do protagonismo de um grupo de coletoras de sementes, mostrando a força das mulheres que se organizam em defesa do seu grupo social, com o objetivo de fortalecer seu protagonismo cultural e financeiro. Nesta unidade, acompanho, ainda, a lida diária da família do Sr. Pedro Righi e Dona Jacinta Righi, personagens principais para o fortalecimento do grupo enquanto coletivo de resistência, diante das dificuldades a elas impostas, até alcançarem a independência financeira. É possível perceber, também, os diferentes espaços socioeducativos promovidos pelas coletoras de sementes.

Na quarta Unidade, “Escuta Qualificada e um Experienciar Transformador”, dedico-me a mostrar que o trabalho das coletoras de sementes configura-se como uma forma de valorização dos saberes nativos, que enriquecem a cultura e fortalecem as lutas pela permanência na terra. Cada integrante do grupo de coletoras traz consigo suas histórias, suas vivências, experiências, seus saberes e seus conhecimentos, construindo, assim, uma rede de sementes nativas que, além de comprar e vender sementes, promove a vida saudável e sustentável aqui na Terra. Acompanhei de perto o trabalho de uma coletora, Dona Maria, que, em seus longos anos de coleta, acumula experiências que são ensinadas para a juventude durante as vivências diárias com a coleta de sementes.

A quinta Unidade, “Muvuca de sementes, muvuca de gente”, relata uma experiência singular que vivenciei durante o segundo semestre de 2022. Trata-se de minha experiência com o curso de muvuca, oferecido pela ARSX às coletoras de sementes desta região. Neste relato, podemos observar uma conexão entre os saberes e fazeres das mulheres coletoras de sementes e as reflexões de Paulo Freire. Freire (1996) aponta um ensinar entrelaçado e fundante no aprender. Desse mesmo modo, a muvuca promove instantes de trocas e crescimento mútuo, diluídos entre o experienciar de mulheres e a terra. É um encontro vitaminado de cuidados, saberes e ressignificação social. Nutrir a terra é nutrir a si mesmo. As protagonistas da muvuca se sabem interpeladas pelas sementes que dão sustentação às suas vidas.

Concluo esta reflexão sem, de fato, encerrá-la, propondo uma discussão que apresenta considerações sobre o simbolismo da coleta de sementes. Destaco que o cerne desta pesquisa está pautado nos saberes e fazeres das mulheres coletoras de sementes, que utilizam estes saberes para constituir um processo coletivo e economicamente organizado, de forma autossustentável.

Faz-se necessário ressaltar que, para as atividades de coleta de sementes, se juntam pessoas de toda a comunidade do Bambu. No entanto, à guisa de evidenciar e dar visibilidade ao protagonismo das mulheres, nesta reflexão, faço referências ao grupo como “grupo de mulheres coletoras de sementes”, apenas no feminino. Trata-se de um posicionamento político, mas também da constatação de que, no cenário atual, as mulheres desempenham uma função social significativa que merece destaque em minha pesquisa.

Depois de dialogar com meu orientador sobre a necessidade de escritas que oportunizam saberes e impulsionam a cultura e o protagonismo feminino, e discutindo sobre a importância da presença feminina para a manutenção de uma cultura que promove a vida saudável no campo, resolvi utilizar uma linguagem feminina, principalmente quando me dirijo à comunidade do Bambu, no PDS Bordolândia. Num trabalho em grupo onde as mulheres são as protagonistas, é mais do que justo escrever numa linguagem que evidencia mais ainda a força feminina. Não se trata de uma atitude subversiva ou de uma tentativa de inversão do feminino sobre o masculino. Trata-se da fidelidade à temática pesquisada, onde as mulheres são protagonistas.

Sabemos, pois, que, na academia, historicamente, a escrita em uma linguagem no masculino predomina sobre o feminino. Quando se trata da escrita, geralmente, utiliza-se artigos no masculino quando se espera dar um caráter generalizado ao texto, causando um silenciamento e um apagamento das mulheres. De todo modo, nesta dissertação, estarei do lado daquelas que, historicamente, foram oprimidas dentro e fora da academia.

Enquanto escrevia meus relatos sobre a comunidade, lembrei-me da "Canção Óbvia", poesia escrita por Paulo Freire durante seu exílio na Suíça, na década de 70. A seguir, apresento-a na íntegra:

*Escolhi a sombra de uma árvore para meditar
no muito que podia fazer enquanto te esperava
quem espera na pura esperança
vive um tempo de espera qualquer.*

*Por isso enquanto te espero
trabalharei nos campos e dialogarei com homens, mulheres e crianças
minhas mãos ficarão calosas
meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos
meu corpo será queimado pelo sol
meus olhos verão o que nunca tinham visto
meus ouvidos escutarão ruídos antes despercebidos
na difusa sonoridade de cada dia.*

Desconfiarei daqueles que venham me dizer

*à sombra daquela árvore, prevenidos
que é perigoso esperar da forma que espero
que é perigoso caminhar
que é perigoso falar...
porque eles rechaçam a alegria de tua chegada.
Desconfiarei também daqueles que venham me dizer
à sombra desta árvore, que tu já chegaste
porque estes que te anunciam ingenuamente
antes te denunciavam.*

*Esperarei por ti como o jardineiro
que prepara o jardim para a rosa
que se abrirá na primavera.*

Nesta mesma dinâmica, as coletoras não esperam à sombra da árvore, meditando apenas. Elas não vivem num tempo de espera qualquer; seus ouvidos estão atentos aos sinais dos tempos, nunca antes percebidos ou percebidos, mas não compreendidos.

Para a comunidade, a floresta não é apenas fonte de riqueza, mas, também, fonte de vida e espiritualidade. Desafiando os tempos atuais, as práticas de coleta de sementes apresentam-se como um novo debate, uma proposta de ressignificação e emancipação social. Assim, a esperança acontece como uma prática cotidiana, como categoria histórica de luta social, necessárias ao lidar com a construção de saberes.

Enquanto as coletoras esperam, caminhando pelas florestas e campos, dialogando com a natureza, com as sementes e com as árvores matrizes e compartilham conhecimentos, seus pés experimentam os mistérios do caminho. Com seus corpos, aquecidos pela luminosidade do sol, experimentam a beleza de viver em contato com a floresta. Elas vivem a esperança de que irá chegar um novo dia, um novo céu, uma nova terra, um novo lar, como canta o poeta Nordestino Zé Vicente, na canção “Irá chegar um novo dia”:

*Irá chegar um novo dia
Um novo céu, uma nova terra
Um novo mar
E nesse dia, os oprimidos
A uma só voz, a liberdade, irão cantar*

*Na nova terra o negro não vai ter corrente
E o nosso índio vai ser visto como gente
Na nova terra o negro, o índio e o mulato
O branco e todos vão comer no mesmo prato*

*Na nova terra o fraco, o pobre e o injustiçado
Serão juízes deste mundo de pecado
Na nova terra o forte o grande e o prepotente*

Irão chorar até ranger os dentes

*Na nova terra a mulher terá direitos
Não sofrerá humilhações e preconceitos
O seu trabalho todos irão valorizar, das
Decisões ela irá participar*

*Na nova terra os povos todos irmanados
Com sua cultura e direitos respeitados, farão
Da vida um bonito amanhecer
Com igualdade no direito de viver*

Em síntese, nesta dissertação, busco oportunizar saberes. Esforço-me para que as vozes das mulheres coletoras de sementes sejam escoadas para dentro da academia. Como disse Malala Yousafzai, durante a cerimônia de entrega do Prêmio Nobel da Paz, em 2014: “eu levanto a minha voz, não para que eu possa gritar, mas para que aquelas sem voz possam ser ouvidas, não é possível prosperar quando metade das pessoas ficam para trás”. É nesta mesma perspectiva que mergulhei nesta pesquisa.

2. FRAGMENTOS DA NOSSA HISTÓRIA

Na segunda metade do século passado, minha família chegou à região do Araguaia mato-grossense, em Santa Terezinha – MT, quando, nas décadas de 60, 70 e 80, conflitos por terra nesta região aconteciam com frequência.

Santa Terezinha – MT configura-se como uma pequena cidade no nordeste do estado de Mato Grosso e tem sua longa história manchada pelo sangue de trabalhadoras que vieram do Nordeste brasileiro à procura de terra fértil e de trabalho.

Os registros das primeiras moradoras em Santa Terezinha datam da década de 1910, quando pessoas oriundas de outros estados, como Maranhão, se instalaram no Furo de Pedras, às margens do Araguaia, quando era município de Luciara – MT. Anos depois, o povoado se desfez, devido às inundações no período chuvoso, e as famílias se deslocaram para o Morro de Areia. Na década de 1930, missionários dominicanos construíram, no Morro de Areia, um centro de pastoral, com capela, escola e alojamento. Foi ao redor do Morro de Areia que o povoado de Santa Teresinha cresceu, com casas sendo construídas enquanto roças eram cultivadas mata adentro.

Na região, também se instalava a fazenda CODEARA (Companhia de Desenvolvimento do Araguaia), que pleiteava as terras locais e atuava para eliminar dali todas as famílias que há anos habitavam aquelas terras.

Depois de longos anos de disputas por terra, o dia 3 de março de 1972 foi marcado por um conflito sangrento promovido pela fazenda CODEARA. Um grupo de trabalhadoras defrontou-se com um grupo de policiais acompanhados por funcionários da Companhia, resultando em uma briga que ficou conhecida como “a briga do ambulatório”, pois aconteceu no lugar onde a Prelazia havia construído um ambulatório para atender as demandas da região.

Este fato foi a culminância de uma série de conflitos motivados pelas disputas que vinham sendo travadas entre a CODEARA e as posseiras desde a década de 60. A colonizadora, por meio de incentivos fiscais oriundos do Governo Federal, atuava na região com intuito de “desbravar a Amazônia”, visando trazer o desenvolvimento para a região. No entanto, o desbravamento da Amazônia chegava trazendo violência, conflitos e repressão.

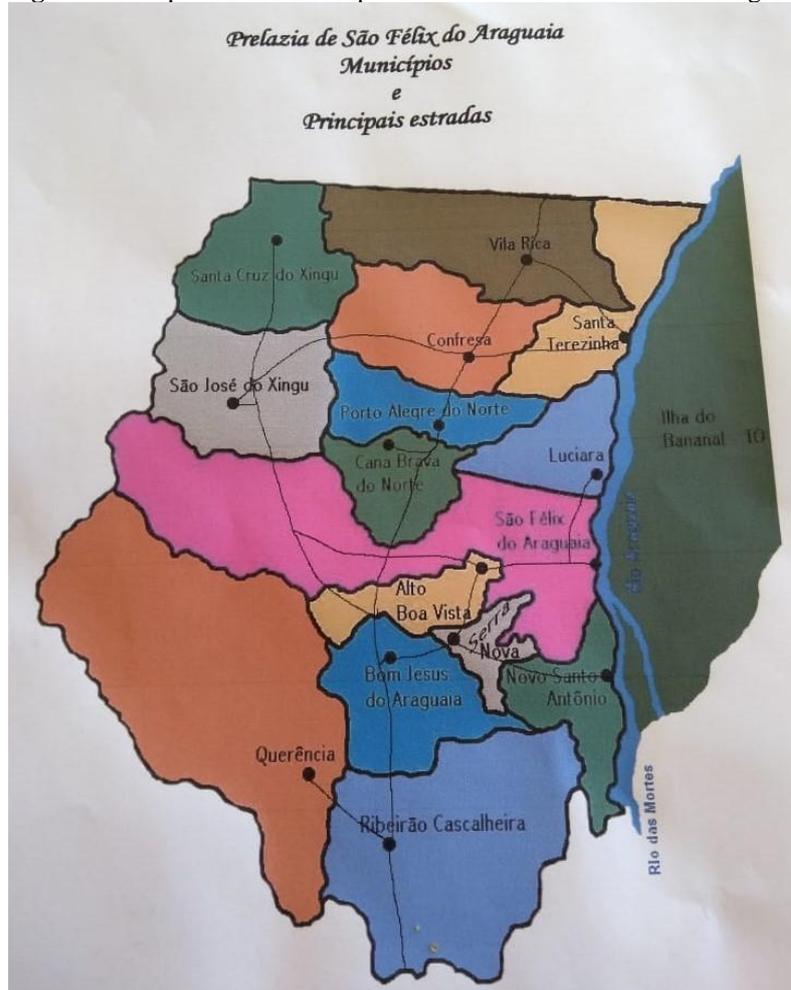
O movimento de resistência das posseiras de Santa Terezinha foi marcado por um caráter essencialmente defensivo, com as posseiras se opondo à tomada das terras por elas já

ocupadas e sobre as quais julgavam serem donas, pois, há anos, moravam e trabalhavam naquelas terras.

A Prelazia de São Félix do Araguaia, igreja católica que se instalou na região no final da década de 60, conduzida pelo bispo catalão Pedro Casaldáliga, esteve ao lado das trabalhadoras e camponesas, denunciando as barbaridades da CODEARA e cooperando na articulação e empoderamento do grupo das trabalhadoras, tanto em Santa Terezinha como em outras localidades do Araguaia mato-grossense.

Anos mais tarde, a repressão voltou-se contra as agentes de pastorais da Prelazia e, desta vez, não só de Santa Terezinha, mas em toda a Prelazia de São Félix do Araguaia: novos conflitos começaram a eclodir em outros povoados com a instalação de empresas do mesmo tipo, tais como a Fazenda Bordolândia, em Serra Nova Dourada – MT; a Fazenda Frenova, em Porto Alegre do Norte – MT; a Fazenda Suiá-Missú, em Alto Boa Vista – MT; entre outras. A reação das posseiras também foi se generalizando, apoiadas explicitamente pela equipe pastoral de Pedro Casaldáliga.

Figura 2 – Mapa com os municípios da Prelazia de São Félix do Araguaia



Fonte: Arquivos da Escola de Teologia Pedro Casaldáliga (julho de 2020).

Na Figura 1, acima, é possível observar o mapa da Prelazia, com todas as cidades onde a igreja de São Félix do Araguaia atua.

Em 1988, foram criados alguns assentamentos na região, e minha família foi contemplada com um lote no Projeto de Assentamento (P.A.) Presidente, em Santa Terezinha – MT, onde vivem até os dias atuais.

Quando completei 23 anos de idade, em 2009, atendendo aos meus anseios pessoais, que perpassavam pelos trabalhos sociais com temas relacionados, principalmente a mulheres, indígenas, direitos humanos, terra e agroecologia, decidi ingressar em um grupo de pessoas que pleiteavam uma missão como agente de pastoral da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Como agente de pastoral, trabalhei no Centro de Direitos Humanos Dom Pedro Casaldáliga (CDHDPC), na Comissão Pastoral da Terra Araguaia (CPT – Araguaia), e na Escola de Teologia Pedro Casaldáliga. Nos últimos anos, também atuei na educação, como professor de filosofia no Ensino Médio Regular e na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

2.1. CPT Araguaia, Amparo das Humildes

No ano de 1975, no auge do governo militar, os bispos adeptos à Teologia da Libertação criaram a Comissão Pastoral da Terra (CPT), com objetivo de amparar trabalhadoras que viviam em situação degradante de trabalho nas regiões amazônicas. A CPT – Araguaia é fruto desta iniciativa, quando o Araguaia mato-grossense atravessava momentos sangrentos.

Meus anos de atuação na CPT – Araguaia foram decisivos para esse processo de mestrado. No ano de 2016, participando de celebrações nos assentamentos, tive meus primeiros contatos com as coletoras de sementes do PDS Bordolândia. Com elas, realizamos inúmeros momentos de celebrações, oficinas e rodas de conversa. Durante os momentos de partilha, as coletoras nos apresentavam suas grandes conquistas com o trabalho de coleta, e isso me inquietava. O trabalho delas é prova viva de que existem outras possibilidades de sobrevivências saudáveis, e que outras relações entre o ser humano e a natureza são possíveis. Foi provocado por essa dinâmica de trabalho em grupo que meu projeto de mestrado foi gestado.

Figura 3 – Transplantando mudas de banana, em 2019, no P.A Santa Rita em Ribeirão Cascalheira



Fonte: Arquivo do autor (outubro de 2019).

Esses anos de dedicação ao trabalho com as camponesas foram permeados de experiências significativas. Entrar na floresta, coletar sementes e transplantar mudas, me proporciona momentos alegres. Esse mestrado, portanto, tem raízes neste chão.

2.2. Centro de Direitos Humanos Dom Pedro Casaldáliga, a voz daquelas que lutam por justiça

Outra experiência que me foi tão significativa foram os anos que colaborei com o Centro de Direitos Humanos Dom Pedro Casaldáliga. Em maio de 2017, no Bolão, reunião dos agentes de pastorais da Prelazia, foi criado o Centro de Direitos Humanos que leva o nome do bispo Pedro. Minha tarefa como secretário executivo do CDHDPC, juntamente com a equipe de associados do Centro, foi criar e empoderar núcleos de Direitos Humanos em todas as 15 cidades onde atua a Prelazia.

Após a criação dos núcleos, iniciamos um processo de formação dessas lideranças para atuarem em prol dos Direitos Humanos (DH) na região. Para isso, estabelecemos uma série de parcerias com instituições como a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), o Tribunal Regional do Trabalho (TRT – 23), o Conselho Estadual de Direitos Humanos, o Fórum de Direitos Humanos e da Terra de Mato Grosso, entre outras. Por meio dessas parcerias, foram ofertados dois cursos: um curso de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Garantias Fundamentais e um curso de extensão em Direitos Humanos e Garantias Fundamentais. Em 2020, finalizamos a primeira turma e em 2021 iniciamos a segunda, desta vez em parceria com o Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) – Campus Confresa. Os núcleos de Direitos Humanos continuam atuantes até os dias atuais.

Figura 4 – Atividade do CDHDPC na aldeia Nova Pukanu, Luciara – MT, povo Kanela do Araguaia



Fonte: Pelo autor (setembro de 2023).

Em parceria com o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), as atividades do CDHDPC se estenderam até às aldeias indígenas. A Figura 4, acima, retrata uma roda de conversa na aldeia Nova Pukanu, com o povo Kanela, do Araguaia. O objetivo foi alertar os indígenas para as questões de conflitos por terra na região e fortalecer a comunidade na resistência e permanência na terra. Atuei como agente de pastoral da CPT – Araguaia e do CDHDPC entre os anos de 2017 e 2022.

2.3. Educação de Jovens e Adultos, uma Experiência com muitos Significados

Fascinado pelas questões da defesa dos direitos humanos, dedico vários momentos de minha vida à Educação, onde atuo mais ativamente nos dias atuais. Apaixonado pela Educação de Jovens e Adultos, trabalhei na Escola Estadual Gilvan de Souza com as disciplinas de Ciências Humanas entre os anos de 2018 e 2022. Nesses anos, busquei perceber o aprender e não somente o ensinar. Com a EJA, aprendi mais do que ensinei. Minha tarefa consistia em lutar para que minhas alunas pudessem criar as possibilidades de se constituírem enquanto pessoas capazes de mudar suas realidades, de produzir novos conhecimentos e de criar novas possibilidades de uma vida melhor para si e para a comunidade. Ou seja, em tomar consciência de si, agir na sociedade e transformar suas vidas.

2.4. Escola de Teologia Pedro Casaldáliga, uma experiência da Teologia da Enxada na Prelazia de São Félix do Araguaia – MT

Atualmente, continuo engajado na Educação, que tanto me fascina. Continuo, ainda, como agente de pastoral da Prelazia de São Félix do Araguaia, colaborando com a Escola de Teologia Pedro Casaldáliga.

A Escola de Teologia intenciona em formar líderes pastorais para servirem nos diversos ministérios na Igreja local, abertos à realidade local e capazes de dialogar com as diversas demandas necessárias em busca da justiça social, na ótica do Reino de Deus. A exigência para quem deseja fazer a formação é que sejam animadores de comunidades ou pessoas inseridas em movimentos sociais, que desejam fazer do trabalho que prestam em uma missão a serviço do povo.

Na Escola de Teologia da Prelazia, não há a tradicional figura de professor, nem de “aula sobre”, mas o próprio grupo que partilha conteúdos, escuta, debate e critica. A figura da assessoria interfere como interlocutora, que propõe, encaminha, orienta e indica ampliações e aprofundamentos na mística do curso, a partir de experiências de leitura, reflexão, sínteses pessoais e grupais.

Figura 5 – Estudantes em um seminário de Teologia, da Escola de Teologia Pedro Casaldáliga



Fonte: Pelo autor (setembro de 2023).

A formação teológica é um clamor das comunidades, movimentos e organizações eclesiais. É com intuito de impulsionar os ideais do bispo Pedro Casaldáliga que, por sua vez, estão enraizados no Evangelho, que assumi a Escola de Teologia Pedro Casaldáliga. A Figura 5, acima, mostra estudantes que participaram de um momento de seminário da Escola de Teologia.

Como se percebe, essa pesquisa se insere em um contexto de lutas e conquistas. Quando iniciei este estudo, estava mergulhado nos trabalhos já existentes dentro do PDS Bordolândia, por meio do meu vínculo pastoral com a CPT – Araguaia, Centro de Direitos Humanos Dom Pedro Casaldáliga e parcerias com a Associação Agroecológica Caminho da Paz e Associação Rede de Sementes do Xingu. Através de parcerias com estas instituições, foi possível a realização desta pesquisa.

3. BORDOLÂNDIA: REDE DE SEMENTES DE RESISTÊNCIA E ALTERIDADE

Proponho, nesta unidade, uma apresentação sucinta das lutas que resultaram na criação da cidade de Serra Nova Dourada – MT, município onde está situada a comunidade com a qual realizei minha pesquisa. Trago, também, algumas palavras sobre as lutas travadas pelas posseiras e trabalhadoras rurais sem-terra contra a Bordon S/A Agropecuária da Amazônia (Fazenda Bordolândia), que, durante os anos comandados pelo Golpe Militar de 1964, aterrorizou as moradoras que há anos habitavam esta região. Depois de muitas trincheiras e resistências, foi criado o Projeto de Desenvolvimento Sustentável Bordolândia, apontando novos horizontes para quem esperava por um pedaço de terra onde pudesse plantar, colher, sonhar e viver.

Após isso, esboço também o sistema de organização da Associação Rede de Sementes do Xingu, mostrando os ciclos de coleta, a semântica organizacional das coletoras e como a coleta de sementes contribui para o processo de empoderamento de mulheres, assegurando a permanência na terra.

3.1. Entre Cercas e Trincheiras: resistência e identidade

A cidade de Serra Nova Dourada – MT localiza-se a 915 km da capital Cuiabá. Sua formação como povoado começou a partir da década de 1960, com intuito de reunir moradoras dispersas pela região. Ao início da década de 70, o povoado despontava-se como “um lugar de fartura e progresso, um lugar que os pobres descobriram para garantir seu futuro em meio ao mar de latifúndios que se esparramava em toda a região” (Canuto, 2019, p. 275), desde o Araguaia até o Xingu.

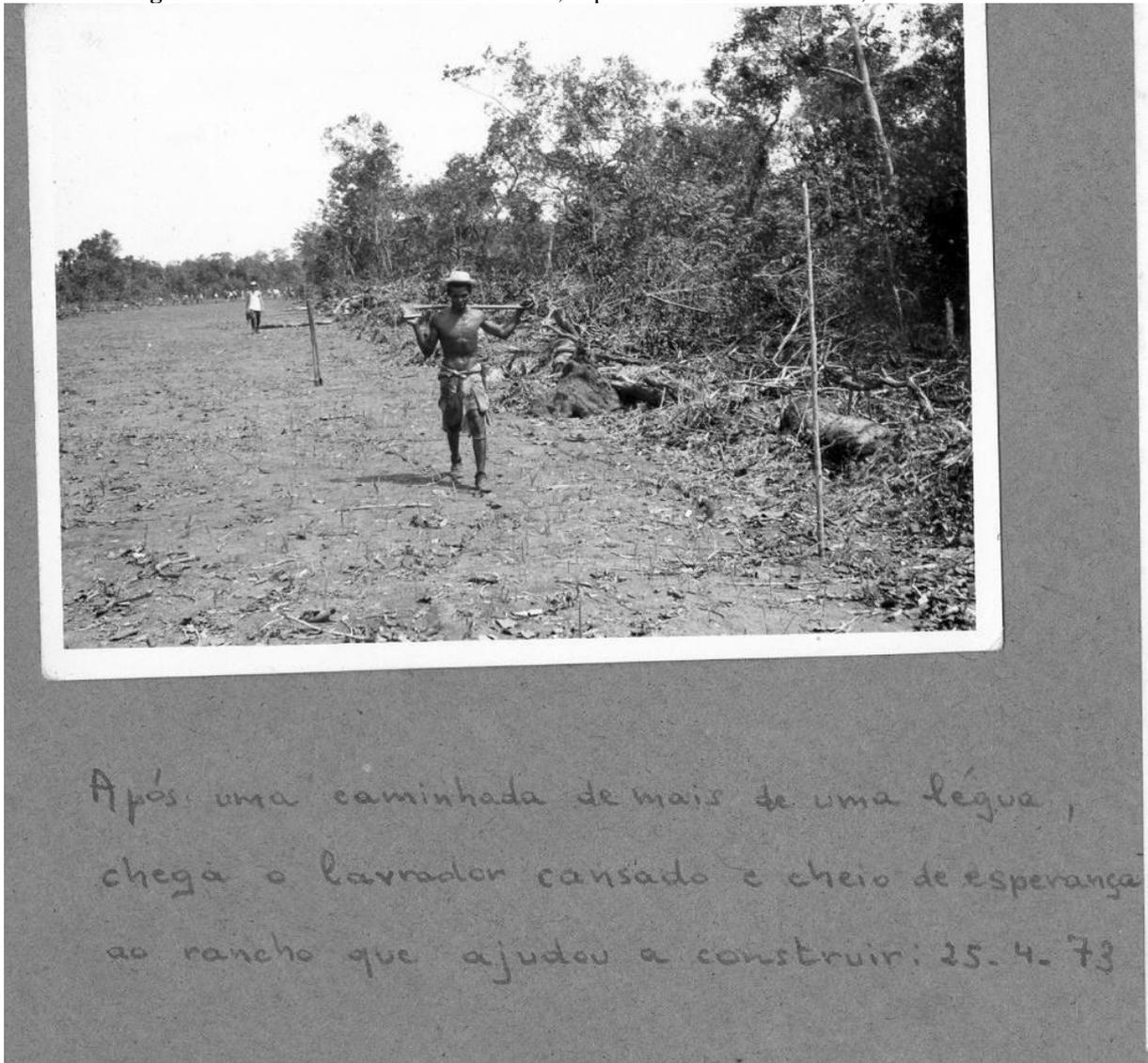
Figura 6 – Lavradoras reunidas, empenhadas na construção do povoado de Serra Nova que, depois muita resistência, se tornaria a cidade de Serra Nova Dourada



Fonte: Arquivo da Prelazia (1973).

A imagem mostra as trabalhadoras no meio da floresta, empenhadas na construção do povoado de Serra Nova. Com seus corpos cansados e seus olhares cheios de esperança, desbravando uma floresta e nutrindo sonhos. Também são mostradas ferramentas de trabalho como foice, enxada, machado e facão, utilizadas pelas posseiras na derrubada da mata para a construção das casas. Ainda é possível observar as cabaças, utilizadas para armazenar a água que seria consumida por elas.

Figura 7 – Trabalhador a caminho de casa, depois de um dia de trabalho, em Serra Nova



Fonte: Arquivo da Prelazia (1973).

Na Figura 7, observamos um registro datado do ano de 1973, de um trabalhador que, após um dia de trabalho, volta para casa, acompanhado de sua ferramenta de trabalho: um machado, aos ombros. Vemos a legenda, que diz: “Após uma caminhada de mais de uma légua, chega o lavrador cansado e cheio de esperança ao rancho que ajudou a construir”. A imagem é datada de 25 de abril de 1973.

Serra Nova foi, por um longo período, um lugar sossegado, de esperanças, sonhos e utopias. Todavia, com a chegada do latifúndio na região, Serra Nova se tornou um cenário de insultos, ameaças e violências. Ariosto da Riva, o “último bandeirante” (Junior, 2016, p. 205), latifundiário na região, vendeu parte das terras da fazenda Suiá-Missú ao Grupo Bordon, que instalou a Bordon S/A Agropecuária da Amazônia (Fazenda Bordolândia) nas proximidades

do povoado de Serra Nova. Logo em seguida, o grupo requisitou a demarcação destas terras, cercando quase toda a área produtiva que, há anos, vinha sendo cultivada pelas moradoras.

Figura 8 – Entrada da Bordon S/A Agropecuária da Amazônia (Fazenda Bordolândia)



Fonte: Arquivo da Prelazia (2009).

As ações da Bordon levaram a uma série de conflitos com as posseiras. “Na calada da noite, a cerca levantada pela Bordon foi destruída” (Canuto, 2019, p. 277). Isso provocou ira nos proprietários e jagunços da fazenda que, em repressão, fizeram várias invasões ao povoado e, com ameaças e insultos, prenderam e humilharam lideranças da comunidade.

A Prelazia de São Félix do Araguaia, por meio do então padre Pedro Casaldáliga, mais tarde sagrado bispo, juntamente com o padre Francisco Jentel e outros agentes de pastoral, intervieram em favor das moradoras, buscando organizar a comunidade a resistir aos ataques da fazenda.

Mesmo em meio às repressões impostas pela Bordon, o povoado crescia e adentrava as margens delimitadas pela fazenda. Segundo Antônio Canuto (2019, p. 278), ex-agente de pastoral da Prelazia de São Félix do Araguaia, com objetivo de quebrar a resistência das posseiras, depois de dezenas de outros ataques ao povoado, em 4 de julho de 1973, em uma operação militar, 60 policiais invadiram o povoado, com descargas de tiros, anunciando o

terror à comunidade. Houve invasões de casas, ameaças e prisões, com investidas tanto por parte dos policiais militares do estado de Mato Grosso como dos jagunços da fazenda Bordon.

É importante observar que o Governo Militar dava total apoio às fazendas que se instalavam na região, oferecendo incentivos financeiros, com promessas de trazer o “desenvolvimento e progresso” (Canuto, 2019, p. 281), para a Amazônia. Visavam desbravar a Amazônia Legal, expulsando moradoras ribeirinhas, indígenas, posseiras e trabalhadoras que por anos habitavam estas terras.

No entanto, as lutas não foram em vão. Os ataques da fazenda não foram suficientes para frear a coragem e o espírito revolucionário das moradoras de Serra Nova, que resistiram. A resistência da comunidade e as denúncias feitas pela Prelazia de São Félix do Araguaia contribuíram para amenizar os ataques do latifúndio e garantir o respeito e a dignidade dos povos que habitam as terras do Araguaia mato-grossense.

Com o fim do Governo Militar, a partir de meados da década de 1980, iniciaram-se as demarcações de terras nesta região e foram criados assentamentos onde as posseiras já se instalavam. Assim, muitas famílias melhoraram significativamente suas condições de vida, reconstruíram seus lares e puderam realizar seus sonhos que, tantas vezes, foram silenciados. Serra Nova foi elevada à condição de município em 29 de setembro de 1999, passando, então, a ser chamada de Serra Nova Dourada.

3.2. Bordolândia: da repressão à resistência

Como assinala Canuto (2019, p. 281-282), assim como outras empresas que investiram na agropecuária nesta região, ao secar a fonte dos incentivos fiscais, oriundos do Governo Federal, a Bordon abandonou a localidade, deixando a fazenda entregue à Açucareira Santa Rosa, que possuía um débito altíssimo com o Governo Federal. Com isso, a fazenda estava praticamente paralisada.

Nos últimos anos da década de 1990, vários grupos de trabalhadoras rurais sem-terra, em busca de um lugar para morar e cultivar, organizaram-se e descobriram que a área da Bordolândia estava paralisada, enxergando naquele chão uma oportunidade de possuir um pedaço de terra.

Uniram-se pessoas de várias regiões. Dentro destes grupos está um coletivo de, aproximadamente, 18 famílias que correspondem a um grupo de trabalhadoras rurais sem-terra, oriundas do município de Nova Guarita – MT, que estavam cadastradas na Relação de Beneficiários (RB), do INCRA. Como não havia previsão de contemplação de lotes para

Reforma Agrária na região de Nova Guarita, essas famílias deslocaram-se para a região de Serra Nova e se juntaram àquelas que reivindicavam um pedaço de chão aos arredores da antiga fazenda Bordon.

A comunidade advinda de Nova Guarita se tornou protagonista no processo de conquista da terra, devido às experiências em outros acampamentos e ao trabalho em mutirão. Nesta pesquisa, identifiquei essa coletividade como “comunidade do Bambu”, local onde foi realizada esta pesquisa de mestrado.

Na esperança de conquistar um pedaço de chão, essas trabalhadoras se instalaram em acampamentos aos arredores da fazenda Bordolândia. Nesse ponto, se iniciou uma briga judicial, “uma novela em muitos capítulos”, que se estendeu até 2010 (Canuto, 2019, p. 285). Foram praticamente duas décadas de resistência contra a fazenda e o latifúndio, aguardando a lentidão da justiça brasileira.

Figura 9 – Acampamento das trabalhadoras rurais sem-terra na fazenda Bordolândia



Fonte: Arquivo da Prelazia (maio de 2009).

Em barracos construídos com madeira, palha de coqueiro e lonas, centenas de famílias, com suas criações, resistiram aos ataques da fazenda e da justiça. Além disso, a luta pela terra atravessava uma esperança de dias melhores, entre acampamentos, retiradas, ocupações e despejos, trincheiras e muita resistência.

Pedro Casaldáliga, bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, que acompanhou aquelas famílias em vários acampamentos e inúmeros despejos, nos mostra em sua Carta Pastoral que “a terra é de todos porque é de Deus” (Casaldáliga, 1971, p. 29). O bispo considera que os bens e a terra têm uma função social, sendo inadmissível que poucas pessoas possuam milhares de hectares de terra, enquanto muitas outras não possuem sequer o necessário para viver com dignidade.

Figura 10 – Famílias de trabalhadoras rurais sem-terra acampadas às margens da Bordolândia, aguardando o INCRA com a demarcação



Fonte: Arquivo da Prelazia (2009).

Nesta imagem (Figura 10), visualizamos um acampamento habitado por famílias de trabalhadoras. Mesmo diante da incerteza quanto à conquista da terra, podemos ver pessoas entusiasmadas e crianças com sorriso no rosto. Os insultos da fazenda, portanto, não foram suficientes para deixar seus sonhos no passado.

Figura 11 – Barraco de madeira e lona, construído para a permanência das famílias durante o período de espera pela terra



Fonte: Arquivo da Prelazia (2009).

A estrutura de seus barracos era de madeira, enquanto a cobertura era feita de palha de coqueiro e lona. As paredes, em sua maioria, eram feitas, também, de lona preta. Ali se alojavam as famílias acampadas, com seus animais de estimação.

A contribuição da Prelazia de São Félix do Araguaia, por meio do Bispo Pedro e sua equipe pastoral, foi imprescindível para enfrentar os desafios impostos pela fazenda Bordon. As equipes da Prelazia realizaram muitas denúncias e pressionaram as autoridades políticas para resolver as questões de terra. Além disso, a Igreja reivindicava o direito ao trabalho, à educação, à igualdade social e por condições de vida dignas, onde quer que ela aconteça.

Depois de uma longa história de conflitos e uma década de disputa judicial, em 2010, o INCRA resolveu transformar a área da antiga fazenda Bordon em um Projeto de Desenvolvimento Sustentável, uma nova forma de assentamento que promove a convivência entre as famílias e o meio ambiente, preservando o máximo a natureza (Canuto, 2019, p. 285).

Figura 12 – Assentamentos de Mato Grosso - informações gerais

CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA

DIRETORIA DE GESTÃO ESTRATÉGICA - DE
COORDENAÇÃO-GERAL DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO DA GESTÃO - DEA

Superintendência Regional Mato Grosso - SR 13
Assentamentos - Informações Gerais

SR	CÓD. PA	NOME PA	CÓD. IBGE	MUNICÍPIO	CAPACIDADE	FAM. ASSENT.	ÁREA PA	DT. CRIAÇÃO
SR 13 - Mato Grosso	MT0125000	PA YAMIN	5107354	SÃO JOSÉ DO XINGU	99	96	7921.2692	29/12/1995
SR 13 - Mato Grosso	MT0240000	PA SANTA CLARA	5107354	SÃO JOSÉ DO XINGU	390	251	19680.3411	10/02/2000
SR 13 - Mato Grosso	MT0046000	PA SERRA NOVA I	5107883	SERRA NOVA DOURADA	43	43	2450.3548	24/09/1987
SR 13 - Mato Grosso	MT0080000	PA RONCADOR	5107883	SERRA NOVA DOURADA	128	149	12727.2335	15/08/1995
SR 13 - Mato Grosso	MT0083000	PA SERRA NOVA II	5107883	SERRA NOVA DOURADA	80	78	10000	06/10/1995
SR 13 - Mato Grosso	MT0130000	PA ALVORADA	5108600	VILA RICA	50	46	3265.6	29/12/1995
SR 13 - Mato Grosso	MT0142000	PA COLONIA BOM JESUS	5108600	VILA RICA	63	59	4457	25/07/1996
SR 13 - Mato Grosso	MT0143000	PA ITAPORÃ DO NORTE	5108600	VILA RICA	300	158	10641.3527	11/07/1996
SR 13 - Mato Grosso	MT0159000	PA ARACATY	5108600	VILA RICA	45	41	2110	05/12/1996
SR 13 - Mato Grosso	MT0236000	PA SÃO JOSÉ DA VILA RICA	5108600	VILA RICA	256	197	14262	28/12/1998
SR 13 - Mato Grosso	MT0237000	PA IPE	5108600	VILA RICA	228	223	12099	28/12/1998
SR 13 - Mato Grosso	MT0308000	PA SÃO GABRIEL	5108600	VILA RICA	50	38	1985	28/12/1998
SR 13 - Mato Grosso	MT0331000	PA SANTO ANTONIO DO BELEZA	5108600	VILA RICA	300	220	12100	10/04/2001
SR 13 - Mato Grosso	MT0744000	PDS BORDOLÂNDIA	5101852		601	596	56050.2716	05/10/2010

Fonte: INCRA - Superintendência Regional de Mato Grosso (2016).

O Projeto de Desenvolvimento Sustentável Bordolândia constitui-se num assentamento criado pelo INCRA, com uma extensão de 56.050,2716 hectares. Está situado no Médio Araguaia, na região nordeste de Mato Grosso, entre os municípios de Serra Nova Dourada – MT e Bom Jesus do Araguaia – MT. Vale destacar que a comunidade com a qual realizei este estudo está localizada dentro do município de Serra Nova Dourada.

A modalidade de Projeto de Desenvolvimento Sustentável, formato em que o PDS Bordolândia está inserido, traz consigo o sonho de conciliar a preservação socioambiental com o desenvolvimento (Brasil, 2021). Seu objetivo é promover uma relação saudável entre seres humanos e meio ambiente, buscando, de um lado, preservar a natureza com sua flora e sua fauna, e de outro, promover os saberes e fazeres nativos em busca do desenvolvimento coletivo. Sendo assim, parte da área do PDS foi destinada à Reserva Legal, para recuperação

de áreas degradadas pela antiga fazenda Bordolândia, bem como ao uso coletivo das riquezas naturais.

Conforme Santos, Santos e Severino Filho (2022), o formato de PDS visa promover aos indivíduos sua plenitude criativa e às comunidades e povos a função de gerar, preservar e adquirir cultura, promovendo o respeito aos saberes do povo da terra. Esse é um modo de vida que não degrada a natureza, mas, oportuniza as diferenças e concebe a autonomia de saberes, direcionando-os para a geração de renda e empoderamento social, por meio de práticas sustentáveis que permitam manter as florestas em pé, e nascentes e mananciais vivos. Segundo dados do INCRA, 597 famílias foram assentadas no PDS Bordolândia.

Testemunhei, em minhas conversas na comunidade do Bambu, que as famílias assentadas não obtiveram apoio ou incentivos do Governo Federal para produzirem na terra e permanecerem nela. Por esse motivo, homens e mulheres precisavam deixar seus lotes para trabalhar em fazendas vizinhas e, assim, sustentar suas famílias.

Diante dessa realidade, instituições como a Comissão Pastoral da Terra Araguaia (CPT Araguaia), vinculada à Prelazia de São Félix do Araguaia, e Associação Terra Viva (ATV), de Porto Alegre do Norte – MT, assumiram parcerias com as famílias da comunidade do Bambu, com objetivo de desenvolver projetos de recuperação de Áreas de Preservação Permanente (APP), recuperação de nascentes e realizar plantios de quintais produtivos.

As famílias da comunidade do Bambu são identificadas como tal por se reunirem na igreja do Bambu para rezar, se fortalecer espiritualmente e discutir questões relativas aos interesses da coletividade. Entre suas principais características, está a consciência da importância do trabalho comunitário, que trouxeram dos longos anos que viveram em acampamentos e, desde então, realizam suas atividades em mutirão. Quando estavam nos acampamentos, os homens viviam trabalhando de diárias ou empreitas nas fazendas, fazendo cerca, roçando pastos e outros serviços braçais.

Dentro do PDS Bordolândia, existem outros grupos e comunidades que também se organizam em prol da sobrevivência e fortalecimento coletivo, com objetivos comuns de permanecerem em suas terras e tirarem o sustento através do cultivo de alimentos da agricultura familiar. A ACAMPAZ, oriunda dos esforços da comunidade do Bambu, foi criada em 2011, para atuar em atividades de caráter social, tais como: defesa dos Direitos Humanos, do Meio Ambiente e das minorias étnicas visando, assim, dar segurança jurídica ao coletivo. Ao longo dos anos, a associação cresceu e se fortaleceu, contando, atualmente, com associados de outras comunidades, externas ao Bambu. Verifica-se que permanecer no campo e sobreviver do sustento produzido em suas terras é o objetivo deste povo.

Mesmo com as dificuldades impostas e os desafios circunstanciais, as famílias da comunidade do Bambu não deixaram de cultivar o trabalho em suas terras. Com muitos esforços e parcerias, várias espécies de frutíferas foram plantadas e, em pouco tempo, seus quintais agroecológicos se fortaleceram. “Tão logo os quintais foram produzindo e a realidade se transformando, espécies como: caju, abacate, mamão, maracujá, abacaxi e banana servem de alimento para as famílias enquanto o excedente é comercializado” (Santos; Santos; Severino Filho, 2022, p. 167). Além disso, outras árvores nativas de várias espécies foram introduzidas nos quintais.

Molina (2010, p. 40), entende que o campo pode ser compreendido como o lugar ou território e envolve a relação das pessoas com a terra. Assim sendo, o ideário das lideranças da comunidade do Bambu propõe provocar e incentivar a comunidade a uma produção saudável e sustentável, em vista da valorização da sociobiodiversidade. Isso significa trabalhar com o propósito de manter a comunidade unida, produzindo em suas terras e vivendo do que produzem.

Como se percebe, as lutas não foram em vão. As famílias melhoraram significativamente suas condições de sobrevivência, construíram seus lares e, agora, plantam, colhem, criam seus animais, alimentam suas famílias e realizam os sonhos que, por muitas vezes, foram interrompidos.

Em 2007, nasce a Associação Rede de Sementes do Xingu, construindo e fortalecendo grupos de coletoras de sementes na região do Xingu e do Araguaia. Com o apoio institucional da Rede, esses grupos utilizam saberes populares para coletar e vender sementes nativas, visando preservar a floresta em pé, aumentar a renda familiar e fortalecer sua identidade social.

Dentre os grupos vinculados à Rede de Sementes, está o grupo de coletoras de sementes do PDS Bordolândia, composto principalmente pelo grupo de assentadas oriundas da comunidade do Bambu.

3.3. Estrutura Organizacional da Associação Rede de Sementes do Xingu

A Associação Rede de Sementes do Xingu se destaca por ser uma grande rede de coletoras de sementes nativas do Cerrado e Amazônia brasileiros. Esses grupos de coleta são compostos por indígenas, ribeirinhas, agricultoras familiares e moradoras de cidades, nas regiões das bacias dos rios Araguaia, Xingu e Teles Pires.

A Associação nasceu de um grito de socorro dos povos indígenas do Xingu, quando perceberam que as principais nascentes do rio Xingu estavam morrendo. Quando os indígenas notaram que seu principal rio corria sérios riscos de vida, iniciaram um processo de mobilização. Em resposta a esse clamor, várias instituições, mobilizadas pelo Instituto Socioambiental (ISA), criaram a Campanha Y Ikatu Xingu, construindo uma rede de instituições mobilizadas em defesa das águas do rio Xingu e seus afluentes. A partir desse grito de socorro, surge a campanha Y Ikatu Xingu, que significa “salve a água boa do Xingu”, na língua indígena Kamayurá.

O Estatuto da ARSX (Art. II, §1º) assinala que a principal missão da campanha Y Ikatu Xingu foi proteger e recuperar as nascentes e cabeceiras dos rios, bem como as matas ciliares, em especial do Rio Xingu, no Mato Grosso (ASSOCIAÇÃO, 2021). Além disso, envolveu a recuperação de matas nativas por meio da cooperação de diversos atores, como povos indígenas, agricultoras familiares, pesquisadoras, organizações da sociedade civil e pecuaristas. Seu principal objetivo era a melhorar a qualidade da água em toda a região do Xingu, plantando sementes nativas.

A partir dessa semente plantada, nasce a Articulação Rede de Sementes do Xingu, reconhecida mundialmente por se constituir numa cadeia de valores socioambientais de restauração ecológica, que consolida uma economia baseada na floresta em pé, que gera renda e reduz as desigualdades sociais. Desde 2007, o trabalho da Rede gerou mais de quatro milhões de reais, repassados diretamente para as comunidades de coletoras. As sementes coletadas são plantadas em áreas degradadas e a técnica mais utilizada para plantação é a “muvuca”.

Muvuca é uma técnica que mistura sementes nativas e de adubação verde, plantando-as diretamente no solo da área de reflorestamento. Trata-se de uma técnica considerada pela ARSX como a mais econômica e eficiente para reflorestar áreas de diferentes tamanhos com rapidez, e que garante altos índices de germinação e adensamento da área plantada. Além disso, a Rede acredita que a diversidade da composição genética das sementes da muvuca faz germinar florestas mais protegidas contra doenças e eventos climáticos (Balduino, 2022, p. 16).

Depois de um longo processo e anos de caminhada, a Rede de Sementes do Xingu se tornou associação, em 2014. Para manter seu funcionamento e manutenção, a associação possui três principais fontes de recursos: comercialização de sementes, projetos em parceria com outras instituições e doações diversas.

Em seu estatuto, a ARSX se destaca como uma associação de direito privado, sem fins lucrativos, que tem por objetivo:

a promoção dos direitos sociais, por meio do apoio de forma permanente, continuada e planejada, a ações e projetos que visem contribuir para a assistência social e defesa de direitos dos povos indígenas, de agricultores familiares, o desenvolvimento sustentável, a preservação do meio ambiente, a defesa de bens e direitos difusos e/ou coletivos relativos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos, inclusive através de experimentação, não lucrativa, de novos modelos sócio-produtivos e de sistemas alternativos de produção, comércio, emprego e crédito (ASSOCIAÇÃO, 2021, p. 4).

Vale sublinhar que, para cumprir com seus objetivos, a Rede atua no âmbito nacional e internacional e desenvolve atividades próprias e permanentes, nos pilares da: mobilização, comunicação, formação, pesquisas, publicação, políticas públicas, consultoria e assessoramento (ASSOCIAÇÃO, 2021, p. 4).

Conforme Balduino (2022, p. 24), a estrutura organizacional da Rede está inspirada nas conexões de uma floresta. Cada uma de suas áreas é igualmente importante e dependente das outras, funcionando entrelaçadamente, como uma rede. Da mesma forma que, em uma floresta, os seres vivos que ocupam o mesmo espaço estão em conexão. As árvores estão em constante comunicação, por meio de suas substâncias orgânicas, e as raízes que se entrelaçam dentro da terra. Os animais vivem por entre as árvores, se alimentam e se beneficiam delas. A diversidade da vida é ainda mais enriquecida com a presença e os sons dos pássaros, bem como de toda a multiplicidade de seres vivos ali presentes.

Figura 13 – A Rede é como uma floresta



Fonte: Livro do coletor (Balduino, 2022).

A estrutura organizacional da Rede nos mostra que todas as partes possuem sua importância e estão diretamente envolvidas, desempenhando funções necessárias para o bom funcionamento da Associação. A Figura 13 expressa o entrelaçamento das florestas com seus componentes e também apresenta o organograma da Associação Rede de Sementes, mostrando seu órgão máximo, que é a Assembleia Geral, ao centro, entrelaçado com as demais partes.

As comunidades vinculadas à Rede de Sementes do Xingu são responsáveis por dar vida e movimentar o trabalho da instituição. As sementes coletadas pelo grupo de coletoras do PDS Bordolândia se juntam às coletadas pelas centenas de outras coletoras dos demais grupos da Rede para formarem as muvucas, que são semeadas na terra, construindo florestas e recuperando vida degradada.

Percebo, então, que o trabalho de coletar, muvucar e semear sementes possui uma importância que vai para além das comunidades onde estão situados os grupos de coleta. A

importância disso extrapola qualquer território, pois a necessidade da recuperação e preservação da sociobiodiversidade atravessa muros e continentes. Assim, ao coletar sementes e construir florestas, essa Rede de coletoras está, também, construindo sonhos e trazendo esperança às gerações futuras.

Além das funções específicas voltadas para o trabalho com as sementes, a coletividade é reconhecida pela troca, multiplicação e compartilhamento de saberes. Com os incentivos da ARSX, os grupos recebem apoio para promoverem momentos de troca de conhecimentos e estudos sobre diversos temas.

Para fazer parte da ARSX, a coletividade precisa garantir uma área dentro da região território atuação da instituição, que compreende as bacias dos rios Teles Pires, Araguaia e Xingu, que contenham as sementes listadas no catálogo da organização. Além disso, é necessário observar com atenção os anseios das componentes da coletividade.

3.3.1. De mãos dadas, em rede, porque juntas somos mais

Em conversa com Eliane Righi, coletora e elo (função que será explicada posteriormente) do grupo de coletoras do PDS Bordolândia, indaguei sobre os requisitos para se tornar membra do grupo de coletoras da Rede e como são aceitos os novos membros e grupos de coletoras. Compreendi, através de nossas conversas, que é necessário considerar alguns critérios. Tendo em vista a diversidade de culturas, cada grupo possui liberdade de adaptar seus próprios protocolos para a admissão de novas participantes. Porém, é comum em todos os grupos de coleta orientar as novas participantes a trabalhar em benefício da restauração dos biomas, especialmente os da Amazônia e do Cerrado.

Quando uma nova pessoa manifesta interesse em se tornar uma coletora, o grupo pretendido se reúne para avaliar. Se aceita, todo o grupo é responsável por acompanhar a nova coletora por, aproximadamente, um ano. Nesse período, a nova integrante realiza seu treinamento participando de todas as atividades, como oficinas, reuniões, encontros, coletas em grupo e dinâmicas promovidas pela equipe. Durante esse processo, são apresentadas, ainda, as exigências de funcionamento da rede de coleta. Cabe ao grupo, além de avaliar o trabalho da nova integrante, apoiá-la.

Durante o ano probatório, a nova coletora é orientada pelas veteranas a elaborar seu potencial, que é uma lista na qual serão registradas todas as espécies que ela pretende coletar. No potencial, são observadas as variedades de espécies e a quantidade em quilogramas de

cada uma. Posteriormente, o potencial deve ser entregue à elo do grupo até o mês de março de cada ano.

Após um ano da admissão ao grupo, a nova integrante goza de todos os direitos e deveres das coletoras da ARSX. Em caso de não aceitação, a pessoa pode se adequar às exigências e solicitar um novo período de treinamento. No entanto, a decisão é da coletividade.

Como o próprio nome sugere, a coletora “elo” é a principal fonte de comunicação entre as membras do grupo e também responsável por mantê-las unidas, efetivando a conexão entre elas e a instituição ARSX. A coletora elo é quem participa das reuniões e assembleias institucionais da Rede.

É imprescindível que essa liderança, além de ser coletora, conheça profundamente o trabalho com as sementes e esteja aberta a participar de oficinas para qualificação e buscar aperfeiçoar-se no que diz respeito à gestão do trabalho em grupo. Ela é a responsável por levar as inovações, descobertas e fazer a mediação entre o grupo e a equipe gestora da ARSX. Desse modo, cada uma das coletoras possui, ainda, a responsabilidade de manter contato com a elo.

3.3.2. Rede de saberes e fazeres: grupo de mulheres da Bordolândia cuidando da sociobiodiversidade

“Antigamente, quando eu entrava na mata e via uma árvore alta, eu pensava em quantas estacas ela podia dar. Hoje, quando eu vejo uma árvore, eu olho para cima para ver se tem sementes para a gente coletar”. A frase foi dita por Alessandro, membro do grupo de coletoras do PDS Bordolândia, e mostra que a conscientização é uma das maiores riquezas vivenciadas e multiplicadas por quem compartilha momentos em mutirão. Nota-se, pois, o engajamento de homens nessa tarefa. No entanto, são as mulheres que caminham à frente. São elas que incentivam a coleta de sementes na comunidade Bordolândia, e essa conscientização é tarefa de todas elas. Como se percebe na fala de Alessandro, toda a comunidade se fortalece e se conscientiza. Trata-se da construção de uma rede de saberes e fazeres que se solidifica com as experiências e conhecimentos compartilhados.

A tarefa mais significativa dessas comunidades consiste em cuidar para que as diversidades de culturas e multiplicidades de expressões de vida na terra sejam preservadas. Diante disso, cada mulher que se junta ao grupo busca preservar as florestas em pé, salvaguardar as matas ciliares, os biomas, as nascentes, as áreas de preservação permanente, a

reserva legal e, portanto, trabalhar por um planeta sociobiodiverso mais habitável. Assim, as coletoras de sementes reconfiguram suas vidas, transformando suas casas no próprio local de trabalho, que vai além de coletar sementes.

As mulheres também são sementes, quando se lançam ao mundo com suas práticas revolucionárias, reinventando novas formas de economia e impulsionando um novo modo de vida sustentável. Os frutos que produzem alimentam os processos culturais que empoderam-se mutuamente. Assim como os ramos das árvores, elas constroem redes de saberes culturais, fixando raízes profundas em uma sociedade carente de alternativas como essas. Como as flores na primavera, as coletoras vivem a beleza e a poesia de cada amanhecer no sertão.

Do mesmo modo que cada semente particular que se junta à diversidade de outras sementes, cada coletora também possui sua trajetória individual. Cada uma traz consigo a riqueza de sua história, que, ao se juntar ao grupo e à comunidade, caminham de mãos dadas, tecendo a Rede e plantando sementes de revolução.

Nas regiões onde estão situados os grupos vinculados à ARSX, existem numerosas áreas degradadas. Por essa razão, as coletoras precisam lançar um olhar atento e realizar um planejamento que contemple a restauração de, no mínimo, meio hectare de área degradada por ano. Para os serviços de reflorestamento ou agrofloresta, a ARSX oferece diversos incentivos e apoios, incluindo assistência financeira e técnica.

Entre os direitos e deveres das membras dos grupos de coleta está o uso responsável do fogo em seus territórios. É necessário preservar a vida do solo e evitar o empobrecimento da biodiversidade causado pelas queimadas. Vale destacar que o uso do fogo para queimadas é proibido nas estações secas, que ocorrem entre os meses de maio e outubro de cada ano, nos territórios de atuação da Rede.

Caso seja comprovado que alguma coletora tenha desrespeitado as regras estabelecidas pela comunidade, ela será proibida de coletar sementes para a ARSX, podendo ser desvinculada da instituição.

A qualidade das sementes coletadas é de responsabilidade de cada coletora. Para garantir essa qualidade, elas se organizam numa dinâmica de troca de conhecimentos sobre as mais eficientes técnicas de identificação, coleta, beneficiamento, armazenamento, transporte e comercialização de sementes.

Nesse movimento de troca de saberes e busca por novos conhecimentos, é importante entender a riqueza das diversidades dos biomas nos territórios de coleta. Para alcançar o êxito nesse processo, as coletoras depositam importante cuidado com as árvores matrizes, que

oferecem as melhores sementes e condições para coleta. Quanto maior o número de matrizes, maior será a diversidade de sementes.

As coletoras estão convictas de que, além de cuidar das matrizes, precisam cuidar da vida dos demais seres que compartilham do mesmo território. Como exemplo disso, as coletoras destacam que pelo menos 30% das sementes de cada matriz são deixadas na natureza, para que os animais possam se alimentar. Outro motivo para deixar as sementes na natureza é a germinação da espécie no próprio território e a reprodução de mais matrizes para coletas futuras. Outra parte das sementes que ficam na natureza se decompõe, enriquecendo o solo com nutrientes orgânicos essenciais.

Figura 14 – Plantas matrizes: Ipê Verde e Garapeira, respectivamente



Fonte: Pelo autor (maio de 2022).

Os registros da figura acima foram feitos na propriedade de uma coletora da Rede, Dona Maria. Em uma caminhada, em sua companhia, pude experimentar cada detalhe do cuidado com a vida e a biodiversidade. De um lado, avistamos imponentes matrizes nativas de ipê verde, preservadas no alto da serra. Do outro lado, uma frondosa garapeira matriz, preservada no quintal, de onde sombreia a casa de sua família e produz sementes que são coletadas.

É importante considerar que as plantas-matrizes são fontes de informação para as coletoras, e oferecem as melhores sementes para o reflorestamento, pois, nem todas as espécies produzem grandes volumes de sementes e frutas todos os anos. É comum, para

algumas espécies, produzir grandes volumes em um ano e, no ano seguinte, diminuir a produção, tanto de sementes como de frutas. A emergência climática é um fator determinante para a alteração nos ciclos de produção.

As coletoras são, portanto, fontes de sabedorias que, ano após ano, munidas de suas experiências, aprendem e compartilham seus conhecimentos com novas integrantes da comunidade. Elas entendem que o ciclo anual de trabalho com as sementes nativas está intimamente conectado com os ciclos da natureza.

A coletora Dona Maria me mostrou que a ARSX fornece um calendário anual para que cada coletora possa registrar as fases de reprodução das espécies, isto é, a época de floração, frutificação e coleta de cada espécie de sementes. Para esse grupo de coletoras, isso é feito com facilidade, por meio das experiências de anos de coleta. Esses registros, seja num caderno, no calendário, ou até mesmo na memória, por meio das experiências, são importantes para o trabalho anual, pois promovem maior organização sobre o ciclo de cada espécie de árvore. Portanto, o período de coleta de sementes é definido através da articulação dos saberes dos grupos de coletoras com a colaboração das orientações técnicas da Rede, que são determinantes para a elaboração do planejamento anual.

Figura 15 – Ilustração do calendário anual de logística da coleta



Fonte: Livro do Coletor (BALDUINO, 2022, p. 62).

Conforme as orientações do calendário anual, cada coletora é responsável por montar seu potencial. O planejamento anual perpassa por três grandes períodos: momento 1, de janeiro a março; momento 2, de abril até junho; momento 3, de junho até dezembro.

Assim sendo, o período equivalente aos meses de janeiro a março, é constituído pelo planejamento do potencial de coleta, que visa dar transparência ao trabalho do grupo. Isso significa, “agir com ética, sabedoria e responsabilidade” (Balduino, 2022, p. 77). Nesse período, cada coletora ou cada família se reúne e elabora seu planejamento. Esse momento é fundamental no processo de coleta, pois, é necessário elaborar uma previsão de quantas espécies e quantos quilos de sementes cada coletora vai ofertar.

Figura 16 – Potencial de coleta de Dona Dalvina, P. A. Manah

amoreira	2	mirindiba-múda	5900
angilim mata	15		+30
angilim cerrado	15	menjeleiro	2
angico cuiabano	5	morzezeira	15
ata pinha	1	muruci varão	1500
baru	5	mutambo	2
burity	50	paineira barrig	1,250+2
buri terano	15	pente de macho	10
cazazinho	32,740	pequi tingu	16,650+30
capé	10	tamarindo	5
cazazinho cerrado	3	tatumã	1,250+2
carolinha	0500	tinto olho cobra	2
carqueiro	2	tingu	2
cazilinho cerrado	2400+10	urucum	5
didigoso	4	xico	5
fyat de porco	6	xisca da mata	5
fyao-quado	5		
garuiba	8	genipapo	2
inaja	20		
ipi amareto cerrado	5		
ipi rosa	5		
ipi caraba	5		
jatoba da mata	30+50		
jatoba cerrado	20+30		
lebeiro	0600		
macauba	20		
mam mamona comum	2		
mirindiba da mata	5700+30		
mirindiba do cerrado	6,150+30		

Fonte: Pelo autor (fevereiro de 2023).

Nesta imagem, apresento um registro do potencial de sementes ofertado pela coletora Dona Dalvina, residente no Projeto de Assentamento Manah. Vejamos, pois, a diversidade de espécies: contabilizamos 45 variedades de sementes listadas. Junto de cada espécie, podemos identificar, ainda, a quantidade, em quilogramas, de sementes em seu potencial.

Pude conceber, em um bate-papo com a coletora Dona Dalvina, que, para elaborar seu potencial, é importante conhecer os ciclos de reprodução das sementes e observar como foi a produção dos anos anteriores. Munidas dos saberes ancestrais e amparadas pelos conhecimentos advindos dos momentos de trocas, formações e oficinas, as coletoras conseguem, com muita habilidade, identificar cada período de reprodução das árvores matrizes e qual será seu potencial de reprodução para o ano seguinte. Isso mostra a importância dos saberes populares, onde as experiências individuais, somadas às experiências coletivas, possibilitam analisar a colheita do ano anterior e projetar o ano seguinte.

Atenta à demanda por sementes no mercado, a ARSX fornece orientações para seus grupos, sobre quais espécies estão em falta no mercado e quais necessitam de aumento de potencial. Desse modo, cada coletora pode se orientar e realizar seu planejamento, contendo as espécies e quantidade de sementes que cada uma irá ofertar. Essa lista é entregue à Rede de Sementes até o final do mês de março de cada ano, ou seja, até o final do primeiro período.

O segundo período, correspondente aos meses de abril a junho, é dedicado à divulgação do potencial ao mercado, realizada pela Rede de Sementes do Xingu. A coletora elo do grupo é incumbida de receber o potencial de cada uma e enviá-lo para a equipe responsável. A partir do recebimento do potencial de todos os grupos, a Rede pode buscar compradores para as sementes e planejar os plantios de reflorestamento para o início das chuvas. Os compradores têm até junho para fazer suas encomendas de sementes, que podem ser muvuca ou não. Nesse segundo momento, a Rede de sementes já recebeu o potencial de cada coletora, permitindo, assim, a divulgação do potencial de sementes da Rede às empresas.

O terceiro período, compreendido entre os meses de junho e dezembro, corresponde ao momento do ápice da coleta de sementes. Trata-se do período de maior demanda de produção de sementes das espécies nativas. No entanto, as coletoras coletam o ano todo, considerando a produção nos quintais produtivos. Enquanto o terceiro período se destaca pela produção intensiva de sementes nativas, as coletas nesses quintais ocorrem ao longo dos três períodos mencionados. Para a lida com as sementes nativas, conhecer o ciclo anual é de fundamental importância, estando, assim, intimamente conectada com os ciclos da natureza. É preciso conhecer para não degradar.

Figura 17 – Matriz de cajueiro em época de produção e polpas de frutas como caju, acerola, mamão, murici e buriti, colhidos por Dona Maria



Fonte: Pelo autor (maio de 2022).

Na Figura 17, podemos observar, de um lado, um cajueiro matriz no ápice de sua produção. Uma porcentagem dos frutos será coletada e suas sementes beneficiadas. No entanto, uma quantidade dos frutos do cajueiro, bem como suas sementes, é deixada no quintal para alimentação de aves, outros animais e para a própria natureza. Do outro lado, a imagem mostra polpas de frutas armazenadas para consumo local, venda na feira e/ou na cidade. É possível notar diversas embalagens com variadas espécies de polpas de frutas como caju, acerola, mamão, murici e buriti, já armazenadas. Nesta comunidade, há uma prática comum de doação e partilha daquilo que é produzido por cada família.

Para coletar, é necessário ter em mente, ainda, alguns pontos fundamentais. Por exemplo: quais sementes podem ser coletadas; o local onde será realizada a coleta; a época apropriada para a colheita de cada espécie e quais as técnicas necessárias para o beneficiamento das diversas culturas de sementes, de modo que haja ganho de qualidade.

Conforme orientações dispostas no Livro do Coletor (Balduino, 2022, p. 63), os critérios da Rede exigem que 5% do valor adquirido com a venda das sementes seja destinado para o grupo. Desse valor, cada grupo decide qual será a finalidade. Em alguns, o montante serve para pagamento de combustíveis; outros utilizam como gratificação para a elo; outros compram material para o próprio trabalho; outros destinam para a associação local; e outros

fazem churrasco. Os grupos, portanto, possuem total liberdade para discutir os critérios para utilização desse recurso.

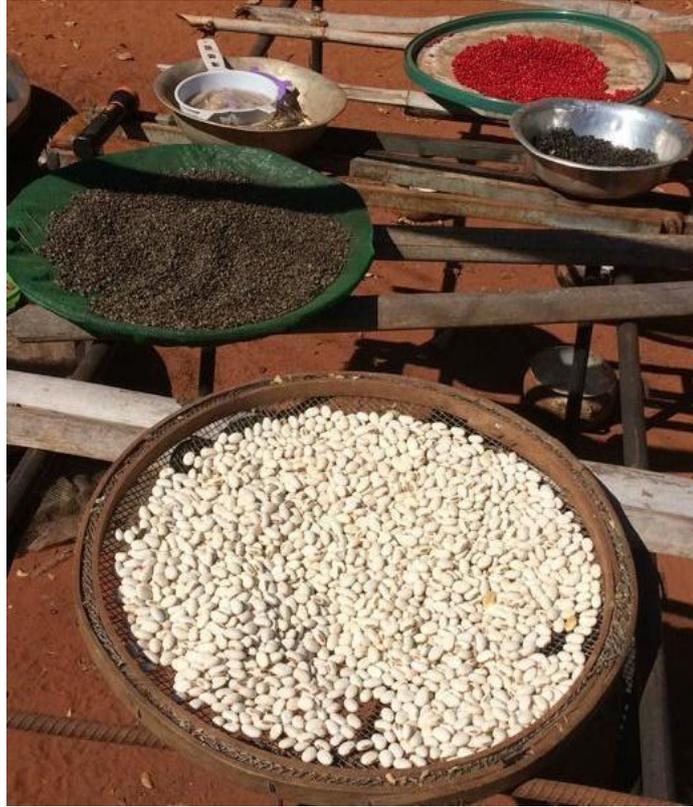
3.3.3. Processo de seleção, beneficiamento e armazenamento das sementes

Observei que o trabalho com as sementes é iniciado antes do período de início da coleta e que não existe uma fórmula única para coletar, visto que cada coletora possui seus conhecimentos ancestrais, que são diferentes uns dos outros. Do mesmo modo, cada espécie de semente exige um tratamento adequado.

Durante o processo de beneficiamento das sementes, são feitas avaliações detalhadas, utilizando tecnologias próprias para separá-las e classificá-las. É importante identificar quais espécies e de quantas matrizes foram coletadas, visando valorizar a diversidade. Outro dado fundamental é a data da coleta, pois é necessário conhecer o período de validade das sementes, que precisam estar limpas, secas e livres de qualquer risco para, então, serem etiquetadas e armazenadas. Após o armazenamento, o guardião da casa de sementes faz a manutenção diária.

A ARSX exige que as sementes sejam coletadas, beneficiadas, ensacadas, pesadas, etiquetadas e entregues à casa de sementes, onde são recebidas por um funcionário da instituição. Até que as sementes sejam recebidas pela Associação, a responsabilidade de garantir a qualidade é das coletoras. Com o intuito de facilitar e otimizar o trabalho de registro das informações, a Associação fornece um aplicativo para suas coletoras. Após o período de venda, caso algumas sementes corram risco de perder a validade, as coletoras podem autorizar a doação e/ou produção de mudas.

Figura 18 – Beneficiamento de sementes pela coletora Dona Sônia, do PDS Bordolândia



Fonte: Pelo autor (junho de 2022).

O registro acima (Figura 18) foi feito durante uma visita que fiz à residência de Dona Sônia e Sr. Carlos, e retrata algumas espécies de sementes expostas ao sol para secar, processo que faz parte do beneficiamento. Esta colheita foi realizada dentro do seu quintal produtivo.

3.4. A coleta de sementes como contribuição para a permanência na terra

Aos finais de semana, na Igrejinha do Bambu, a comunidade se reúne para discutir as problemáticas relacionadas à vida do povo. Pautas ligadas à coleta de sementes são trazidas para a roda e, ali, são discutidas e encaminhadas. A coleta de sementes atua como uma prática que potencializa a permanência na terra, pois, à medida que este trabalho movimenta a economia na comunidade, empodera as famílias e proporciona a oportunidade de competir economicamente com outras formas de produção.

Dialogando com Brenda, ex-agente de pastoral da CPT – Araguaia, que conhece o assentamento devido aos trabalhos com a comunidade, indaguei sobre o processo de coletar sementes, a fim de entender se há uma construção coletiva, ou se trata apenas de anseios individuais. Ela apontou que existe uma “construção coletiva significativa. É comunhão, é ser

comunidade, é ser solidária, é se colocar na outra... Elas são muito interessantes” (Brenda, em entrevista concedida em 4 de abril de 2023).

Interpelei, ainda, sobre os motivos que levam aquelas mulheres a coletarem sementes. À medida que a conversa fluía, evidenciaram-se as motivações que unem pessoas diferentes com objetivos comuns em torno de árvores matrizes coletando sementes:

Elas não coletam pelo dinheiro, é pelo momento de partilha, de vivência, não é só uma tarefa de coletar e dividir o dinheiro. É aquela partilha de afetividade, entendeu? De comunidade, de solidariedade. É um momento que todas elas conversam, brincam... É um momento que cada uma se expõe da forma que ninguém precisa falar um termo específico para a outra entender, não é assim! Por exemplo: Ah, eu vou lá coletar o baru e minha amiga vai coletar o baru também, e nessa coleta, não vai sair simplesmente dois quilos, três quilos, quatro quilos de baru, vai sair um desabafo, uma partilha de sentimentos. Vale a convivência, a troca de experiências, até mesmo o modo de beneficiar a própria semente. Ali, elas inventam novas técnicas e novos materiais que vão aperfeiçoando e facilitando o trabalho delas (Brenda, em entrevista concedida em 4 de abril de 2023).

Considero, pois, que, conforme abordado pela Brenda, há laços afetivos e solidários que superam os laços financeiros. O trabalho em mutirão oportuniza o afeto e a cura, favorece a construção de novas teias de ressignificação social, tecidas por elas mesmas, com os mais sofisticados fios de resistência. “Eu não vi isso somente na Bordolândia. Eu vi isso também no grupo das coletoras do P.A. Manah. Porém, o grupo da Bordolândia é muito mais afetivo, é muito mais família, mais dinâmico” (Brenda, em entrevista concedida em 4 de abril de 2023).

Continuei nosso bate-papo enfatizando que, quando comecei pesquisar sobre os saberes e fazeres das mulheres coletoras do PDS Bordolândia, percebi a grandiosidade e a imensa riqueza de sua experiência, principalmente quando se trata das mulheres. Naquela comunidade, por mais que os homens participem e colem, são as mulheres que conduzem a discussão e direcionam os trabalhos. Elas são, de fato, as protagonistas.

O empoderamento das mulheres acontece naturalmente, por meio da convivência entre adultas e crianças. Ressaltamos, em nosso diálogo, que, com esses momentos coletivos, a convivência fraterna, a escuta, a reflexão e a troca de experiências, os momentos de coleta de sementes configuram-se em espaços socioeducativos. “Esses momentos não educam somente os adultos, mas as crianças, os convidados... Alguém lá de fora do grupo que escuta e que vê essas experiências, também aprendem com elas” (Brenda, em entrevista concedida em 4 de abril de 2023).

Esses etnoconhecimentos operam no sentido de tornar a atividade possível, o que engendra um aprendizado profundo, consagrando as dinâmicas ecossistêmicas das florestas do Araguaia, Xingu, Teles Pires e regiões circunvizinhas. Vale destacar que o trabalho de coleta

de sementes observa as regras e orientações estabelecidas na legislação brasileira, que busca promover o desenvolvimento sustentável, a preservação das florestas, do solo e todas as formas de vegetação nativa, dos recursos hídricos, bem como da sociobiodiversidade e da integridade do sistema climático, para o bem viver das sociedades.

3.5. Legislações Brasileiras e a Preservação da Sociobiodiversidade

O novo Código Florestal Brasileiro (Lei nº 12.651, Art. 3º, 2012), que regulamenta, entre outros pontos, as normas sobre a preservação de Áreas de Preservação Permanente (APP), destaca a função estratégica e o papel das florestas e demais formas de vegetação nativa na sustentabilidade, bem como sua importância para o crescimento econômico e melhoria da qualidade de vida das sociedades. O Novo Código define:

Área de Preservação Permanente - APP: área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas.

Nesses termos, o Código, se observado pelas comunidades, promove o desenvolvimento sustentável, afirmando a necessidade da preservação das florestas e das variadas formas de vegetação, assim como da sociobiodiversidade, da conservação da fertilidade do solo, das nascentes dos rios e da integridade do sistema climático, para o bem viver das populações presentes e futuras.

Nos vários diálogos que teci com diferentes coletoras e pessoas ligadas a ARSX, pude perceber que as boas práticas difundidas pelos grupos inspiram pessoas e organizações para a criação de outros organismos comunitários de coleta de sementes nativas em outras regiões do Brasil.

A Rede fomenta o surgimento de novas iniciativas para construir uma teia de redes de grupos de coletoras de sementes em outras regiões, podendo compartilhar suas descobertas e inovações, seus saberes e novas iniciativas, além de alimentar os sonhos das comunidades em um planeta mais solidário e sustentável. Essa teia de redes de sementes e grupos, a ARSX chama de Redário.

4. ETNOCIÊNCIAS E O DESABROCHAR DO PROTAGONISMO FEMININO

Nesta unidade, discuto sobre o papel das mulheres coletoras de sementes na construção de saberes práticos, a partir do contato cotidiano com a floresta, abordando as relações sociais como ponto importante na construção do protagonismo feminino. Assim, refletir sobre a força das mulheres é pensar para além das camadas sociais que cercam e, historicamente, envolvem a figura feminina como refém do sistema social. Buscando olhar para além das camadas sociais, nesta unidade, proponho uma reflexão que concebe o protagonismo feminino como um caminho de resistência coletiva.

Em minhas idas e vindas à Bordolândia, compreendi que as coletoras não visam colher grandes fortunas. Elas buscam garantir a satisfação de suas necessidades, levando em consideração o equilíbrio entre a produção, o consumo e o bem viver. Nesse contexto de articulação da comunidade, criou-se um espaço alternativo de resistência coletiva para a sobrevivência no campo, e a atividade de coleta de sementes se destaca como um marco organizacional que faz germinar a força das mulheres do campo naquela região.

Buscando compreender como se deu o despertar da comunidade para a coleta de sementes, numa manhã, em roda, tomando chimarrão com o Sr. Pedro e Dona Jacinta, membras do grupo de coletoras da Bordolândia, e Cláudia Alves de Araújo, uma das gestoras da Rede de Sementes do Xingu, elas me contaram que, durante uma oficina com a CPT – Araguaia, no ano de 2015, foi sugerido, em uma atividade, que cada uma das participantes desenhasse o seu lote, onde moravam.

Nesta ocasião, Thaylane, uma criança de 11 anos, filha de Maria José, uma liderança da comunidade, desenhou o lote de sua família, ilustrado com vários pés de pequi. Com isso, as agentes da CPT, percebendo que o quintal dos pais da Thaylane era um quintal produtivo, com potencial para coletar sementes, estimularam a comunidade para esta atividade. A partir de então, a família de Thaylane tornou-se membra do grupo de coletoras. Esta provocação foi o pontapé inicial para a comunidade do Bambu coletar e entregar as primeiras sementes para a Rede.

Aproveitei nosso bate-papo para questioná-los sobre as mudanças em suas vidas após anos coletando sementes. Convenceram-me de que os primeiros anos no assentamento foram difíceis, mas conseguiram superar as dificuldades e adquirir bens materiais suficientes para sobreviver com dignidade. “Aqui é meu palácio”, afirmou Pedro Righi, mostrando sua casa. Além disso, houve uma mudança na forma de se posicionar na sociedade. Hoje, esse grupo se

destaca por seu senso de coletividade, sendo a comunidade mais bem avaliada entre aquelas acompanhadas pela Rede de Sementes do Xingu.

Figura 19 – Vista da casa onde residem Dona Jacinta e Pedro



Fonte: Pelo autor (setembro de 2022).

A figura acima registra a casa de Dona Jacinta e Sr. Pedro, mostrando sua residência coberta pelas sombras de árvores matrizes de seu quintal produtivo, onde a família realiza parte de suas coletas. É em seu quintal que Dona Jacinta coleta a maior parte de seu potencial.

Durante nosso bate-papo, Pedro nos convidou para caminharmos em seu lote, e apresentou inúmeras espécies de sementeiras que se estendem por um longo espaço geográfico. Além disso, vimos um extenso cultivo de árvores frutíferas e uma horta.

No quintal produtivo, ele me mostrou diversas espécies de sementes que podem ser coletadas em todas as épocas do ano. “A semente é tirada da natureza, de graça, sem muito trabalho. O trabalho é apenas o beneficiamento” (Pedro, em entrevista concedida em 2 de setembro de 2022). Essa informação é importante e aparece como grande impulsionador para a coleta.

Figura 20 – Sementes de espécies como caju, xixá e pente de macaco, coletadas por Dona Jacinta, dispostas por diferentes ambientes da casa



Fonte: Pelo autor (setembro de 2022).

Ao entrar em sua residência, deparei-me com variadas espécies de sementes dispostas pelos espaços do chão da casa. No registro acima (Figura 20), vemos sementes de caju, xixá e pente de macaco, acomodadas sobre objetos que ajudam no processo de secagem. Essa tarefa faz parte do beneficiamento das sementes.

Em nossa conversa, perguntei-lhes sobre o trabalho em mutirão, buscando entender como se deu o processo de empoderamento que garante o empenho da comunidade em defesa da vida da terra, das águas e dos seres que nelas vivem. Durante várias cuias de chimarrão e uma boa conversa, me explicaram que, nos anos que passaram em acampamentos, entre um despejo e outro, eles plantavam, colhiam e sonhavam com um lar definitivo, com um pedaço de terra para se instalarem e realizarem seus sonhos. No entanto, a luta visava atingir objetivos em prol de toda a coletividade.

Mostraram-me que a comunidade é rica em saberes e fazeres. Nos acampamentos, elas buscavam, simplesmente, a terra, onde pudessem aplicar seus conhecimentos na prática. Portanto, a consciência ambiental que possuem atualmente é resultado de longos anos de experiência, convivência comunitária, trabalho em mutirão e das lutas vividas nos acampamentos.

As famílias plantavam e colhiam mesmo antes de conquistar a terra. O Sr. Pedro me fez vários relatos de que as famílias que vieram de Nova Guarita – MT possuíam plantações em seus acampamentos às margens das rodovias. Esses anos sofridos converteram-se em anos de aprendizado e acumulação de experiências.

Pedro nos lembrou que, no início, o apoio da Prelazia de São Félix do Araguaia e as parcerias com as instituições CPT – Araguaia, Terra Viva e Rede de Sementes, proporcionaram a essas famílias oficinas com várias temáticas. Dentre as oficinas, estavam: preparação do solo, biofertilizantes, defensivos naturais ou manejo alternativo para controle de pragas e doenças, adubo orgânico, quintais produtivos, confecção de artesanatos, entre outras. Além disso, o grupo participou de feiras de sementes crioulas e encontros para trocas de experiências. Geralmente, as oficinas aconteciam nas próprias residências, dentro do assentamento, onde era comum a partilha de alimentos e conhecimentos, sendo a oportunidade de fortalecer os laços e a construção de parcerias.

Outro potencial que, no início do PDS, foi gerador de renda, veio através da Associação Nossa Senhora da Assunção (ANSA), que atuava em São Félix do Araguaia – MT, comprando polpa de frutas nos assentamentos. Enquanto a CPT trabalha com oficinas visando a geração de renda, a ARSX intermedia com a compra de sementes e a ANSA atuava comprando polpa de frutas, formando uma teia de instituições colaborando para a geração de renda e protagonizando aquelas famílias.

Vale ressaltar que, após um longo tempo, a ANSA deixou de comprar as polpas de frutas. No entanto, uma porcentagem dessas famílias continua comercializando nos mercados, nas feiras da agricultura familiar, dentro do PDS, e nas cidades de Serra Nova Dourada – MT e Bom Jesus do Araguaia – MT. As outras duas instituições continuam atuando dentro do assentamento.

Cláudia, gestora da Rede, nos recorda que, no início, estas instituições promoveram intercâmbios entre o PDS Bordolândia e outros assentamentos da região, objetivando conhecer outros processos de produções sustentáveis. Por exemplo, experiências da Associação Terra Viva, em Porto Alegre do Norte – MT, e um grupo de mulheres assentadas em Canabrava do Norte – MT.

Depois de tomarmos várias cuias de chimarrão, fomos conhecer uma muvuca plantada a poucos metros da residência. Entre tantas espécies de árvores, vimos caju, baru, xixá, urucum, angico, lobeira e feijão de porco. Cada uma delas tem suas funções específicas: algumas são frutíferas, outras trazem sombra e outras servem para adubação orgânica. Entre uma linha de muvuca e outra, avistei espécies para alimentação das famílias, geração de renda

e alimentação dos animais, como abóbora, amendoim, melancia, cana, feijão e várias outras que não identifiquei.

A plantação de muvuca também tem sido alternativa para resistir à seca, que atravessa, aproximadamente, quatro meses do ano. Essa prática conta com cultivo de vegetais que servem como alimentação para o gado, como capim aquí, cana, entre outros.

Em momentos diversos, percebi o entrelaçamento de ideias e práticas das pessoas que acompanhei: “Antes, quando eu via um pé de árvore bonita, eu perguntava pra mim mesmo quantas estacas ela dava. Hoje, eu chego debaixo de uma árvore e já olho pra cima, pra saber se tem semente” (Pedro, em entrevista concedida em 2 de setembro 2022). Essa afirmação é semelhante à expressada por Alessandro, em outra conversa já citada neste texto, desta vez, dita por Pedro, enquanto percorríamos as linhas da muvuca do seu sítio. Para ele, os bens naturais devem ser preservados, valorizando a coleta de sementes, uma atividade que não degrada a Natureza. O processo de coleta de sementes colabora para a preservação da vida das florestas e das águas e, conseqüentemente, com a vida dos seres que nela habitam. Ela promove, ainda, por meio da muvuca, a restauração das áreas degradadas.

Nessa mesma perspectiva, as técnicas de coleta de sementes, oriundas da sabedoria popular e utilizadas pela ARSX, exigem critérios sustentáveis para o desenvolvimento das atividades. Além disso, as sementes coletadas servirão para salvar a vida de outras áreas que, por motivos diversos, foram destruídas.

A seca, que atravessa os meses de maio a outubro, prejudica a criação de animais, pois os pastos secam e o gado sobrevive com pouca comida. Para resistir a esse período crítico, as famílias utilizam algumas alternativas que adquiriram com as experiências por meio da coleta de sementes: no processo de beneficiamento das sementes, a casca de algumas espécies robustas, como a do jatobá, é triturada e se torna ração para alimentação do gado de leite. Pedro e Jacinta me contaram que fizeram esse experimento com outras espécies e tiveram resultados positivos.

Em relação à renda proveniente da coleta de sementes, Pedro me informou que, em 2021, sua família conseguiu uma média de R\$ 12.000,00 (doze mil reais), equivalente a R\$ 1.000,00 por mês. Este valor não inclui a renda proveniente da polpa de fruta (maracujá), do leite e do gado. Seu Pedro e Dona Jacinta, por algumas vezes, destacaram que estão felizes por morarem na terra tão sonhada e por viverem a vida tranquila que, um dia, no acampamento, projetaram viver.

Ao núcleo familiar do Sr. Pedro e Dona Jacinta, coletam, juntos, seus filhos e netos. Chamou-me a atenção que Djenifer Righi dos Reis, de 15 anos, e seu irmão Luiz Fernando, de

8 anos, também estão envolvidos com essas atividades, juntamente com seus pais, Eliane Righi e Fernando, além de seus tios, Leomar Righi e Anderson Righi. Essa é uma característica específica da comunidade do Bambu, onde o grupo é constituído por parentes próximos e por amizades construídas nos anos de acampamento.

Objetivando investigar o papel das mulheres coletoras de sementes na construção de saberes e fazeres, teci várias conversas com a coletora Djenifer Righi, estudante do curso Técnico em Agropecuária, no IFMT - Campus Confresa, curso integrado ao Ensino Médio. Ela relatou que é coletora desde pequena e possui muitas lembranças dos momentos das coletas em grupo. Referindo-se a momentos de sua infância, ela enfatizou que a coleta não é um serviço, “é uma diversão, principalmente quando vamos coletar na mata, coletar no meio das árvores” (Djenifer, em entrevista concedida em 16 de maio de 2023), na companhia de outras crianças e de suas avós.

Djenifer ressaltou a importância dos conhecimentos tradicionais que traz dos seus ancestrais, destacando que esses saberes são tão importantes quanto os novos conhecimentos adquiridos em suas aulas no IFMT. Os saberes ancestrais estão enraizados em sua vida. Eu quis, ainda, entender as contribuições que as coletas coletivas proporcionam para sua vida. Ela destaca a “união. [...] Sempre vamos coletar em mutirão, criamos um grupo para coletarmos juntos. O lucro é dividido, ou compramos algo coletivo, ou fazemos alguma comemoração, mas sempre envolvendo todos” (Djenifer, em entrevista concedida em 16 de maio de 2023).

Quando tratamos de temas relacionados às mulheres, compreendi que, para se fortalecerem enquanto coletivo de resistência frente ao cenário de dificuldades a elas imposto, alcançar a independência financeira é fundamental. Assim sendo, a “questão de ter um pouco de independência, porque elas têm a renda delas e podem comprar as coisas para elas, porque o dinheiro é delas” (Djenifer, em entrevista concedida em 16 de maio de 2023) é crucial. Isso permite que as mulheres possam suprir todos os seus gastos, sem depender de outras fontes de renda, ou do trabalho de seus companheiros.

Tecer conhecimentos em comunhão com a floresta confere ao grupo o sentido de ser e de existir, proporcionando-lhes identidade e características próprias. “A gente começa a ver como a natureza é feita. São coisas simples que se tornam grandes, coisas simples e fáceis e ajudam tanto o meio ambiente e transforma a vida das pessoas” (Djenifer, em entrevista concedida em 16 de maio de 2023). Em nossos tempos, fica mais que evidente a importância de povos tradicionais com características de preservação e conservação dos bens naturais, sociais e culturais para a manutenção da vida saudável e um planeta sustentável.

Quando dialogamos sobre a luta pela permanência na terra, entendi que a coleta de sementes tem contribuído significativamente para isso. A família de Djenifer, em tempos de dificuldades, cogitaram a possibilidade de vender ou alugar a terra:

Minha família já chegou ao ponto de pensar se ficava ou não, porque começou a dificultar, por conta dos preços das vacas, os preços do leite estava ruim, e aí vinha o dinheiro das sementes e ajudava muita coisa e também a união dos familiares, das pessoas, uns vão aconselhando os outros, e isso acabou não permitindo que eles pensem mais em sair da terra (Djenifer, em entrevista concedida em 16 de maio de 2023).

Apostar em outras alternativas foi fundamental para que tanto a família da Djenifer quanto a comunidade pudessem resistir. Foi nesta perspectiva que a comunidade investiu esforços na coleta de sementes, sendo capaz de refazer suas rotas e seus caminhos, agregando sabedoria, resistência e organização social. Isso tornou possível o processo de autonomia econômica.

Da mesma forma que seu avô Pedro, Djenifer é testemunha de que a “vida em contato com a natureza é muito melhor. É diferente você estar numa cidade, cercada de muros e asfalto, e você estar num sítio, cercado de natureza, de animais, de seres vivos. O ar é melhor, tudo é melhor. Você vive melhor, é outra coisa” (Djenifer, em entrevista concedida em 16 de maio de 2023).

Os espaços socioeducativos permeiam os ambientes de coleta. Além de todos os ganhos já relatados, percebo que a forma de ver o mundo e compreender a vida também é impactada significativamente. Há um crescimento que é perceptível aos olhos de quem se aproxima do grupo: “mudam a mentalidade, o jeito de se relacionar com as pessoas... Mudam o jeito de pensar e seus atos” (Djenifer, em entrevista concedida em 16 de maio de 2023).

As crianças, por sua vez, crescem com a sensibilidade de que a vida humana perpassa pela vida das florestas, das águas e da terra. “As crianças, desde pequenas, aprendem com os pais [...] e vão espalhando na escola e nos ambientes de convivência com outras crianças” (Djenifer, em entrevista concedida em 16 de maio de 2023). Nos encontros, as crianças são munidas de sabedorias pelos adultos; no entanto, quem ensina também aprende, e quem aprende também ensina.

É notável que essas sabedorias são reconhecidas e compartilhadas entre a coletividade. Enquanto os adultos estão organizados em ocupações de maior exigência, as crianças caminham e convivem entre o grupo, observando o que está acontecendo. Elas entram na roda, brincam e participam das atividades com naturalidade.

Figura 21 – Cartaz elaborado por Luiz Fernando e Manuéli, de 8 anos, no curso de muvuca, em 2022



Fonte: Pelo autor (fevereiro de 2023).

O cartaz da imagem acima (Figura 21) foi elaborado por Luiz Fernando e Manuéli, ambos com 8 anos de idade, filhos de duas coletoras, em uma formação sobre muvuca de sementes. Enquanto os adultos preparavam suas apresentações em grupos, as crianças, de modo discreto e natural, dedicavam-se, voluntariamente, à elaboração deste cartaz. Ao final, fizeram uma apresentação para a comunidade presente. Isso evidencia o engajamento das crianças envolvidas nas atividades da comunidade.

A presença dos adultos se faz essencial nesse processo socioeducativo. “Coletar em grupo, cada um traz uma ideia, e o fato de estar junto com meus avós que têm mais experiência ajuda mais ainda. Então, a gente vai lá e faz de uma forma e se não der certo, da próxima vez a gente faz diferente” (Djenifer, em entrevista concedida em 16 de maio de 2023).

Na conversa com a jovem Djenifer, busquei entender quais são os saberes que as mulheres utilizam durante toda a lida com as sementes, desde o planejamento, passando pela coleta, beneficiamento, a entrega das sementes e até mesmo para gerir os recursos financeiros oriundos desse trabalho. Segundo ela, “conforme a gente vai fazendo, a gente vai

aprendendo” (Djenifer, em entrevista concedida em 16 de maio de 2023). Ela chamou a atenção para aqueles saberes que não se adquire com os livros, mas com a experiência.

Na ocasião do nosso diálogo, perguntei: “se você tivesse que dizer uma mensagem para a juventude, o que você diria?”. Ela sugere que “se tiver a oportunidade de conhecer e fazer esse trabalho, segura essa oportunidade e vai, porque é uma experiência muito boa que vai te ensinar muito e mudar bastante sua vida e seu modo de pensar” (Djenifer, em entrevista concedida em 16 de maio de 2023).

5. A COLETA DE SEMENTES COMO POTENCIAL DE CONSTRUÇÃO SOCIAL

Nesta unidade, discuto o que vivenciei em uma experiência singular, acompanhando de perto os passos das coletoras.

Dona Maria, que trabalhou como professora na fazenda Bordolândia, antes de se tornar assentamento, ministrava aulas pelo município de Serra Nova Dourada. Depois que deixou a escola, entrou para o grupo de coletoras. Sua experiência é significativa para este trabalho.

A convivência com Dona Maria foi uma das experiências mais enriquecedoras em minha pesquisa. Com suas histórias de vida, ela é uma coletora que contagia de entusiasmo todas aquelas que cruzam seu caminho. Das músicas entoadas, cirandas dançadas, místicas e animações nos encontros da Rede que participei, muitas foram animadas por ela.

Em uma das nossas interlocuções, eu quis saber os motivos pelos quais ela resolveu coletar sementes, depois de ter deixado a sala de aula e aposentar-se. Alegrementemente, ela me contou que o ambiente de coleta “é o lugar mais feliz do mundo, cada uma quer falar uma palavra mais bonita para a gente. Eu vivia doente, tinha vários problemas de saúde. Depois que entrei para a Rede, minha saúde mudou” (Maria, em entrevista concedida em 22 de fevereiro de 2022). A coletora se refere à cosmovisão que direciona o grupo, à atmosfera, ao espírito orientador que as inspiram nos ciclos de coleta e quando a comunidade se reúne para atividades comuns, nas quais a solidariedade e a cooperação são princípios fundamentais.

Além de ser uma renda para a economia da família, elas estão cientes de que as sementes coletadas serão utilizadas para reflorestar áreas degradadas, multiplicando e fomentando práticas de restauração ambiental. Nessa perspectiva, “enquanto os fazendeiros estão derrubando, jogando veneno e plantando soja, nós estamos plantando floresta” (Maria, em entrevista concedida em 22 de fevereiro de 2022). Além do plantio de florestas em áreas de restauração ambiental, há o cuidado de plantar os quintais produtivos, acreditando que, futuramente, quem não tiver sua floresta ao redor da casa, não conseguirá coletar sementes.

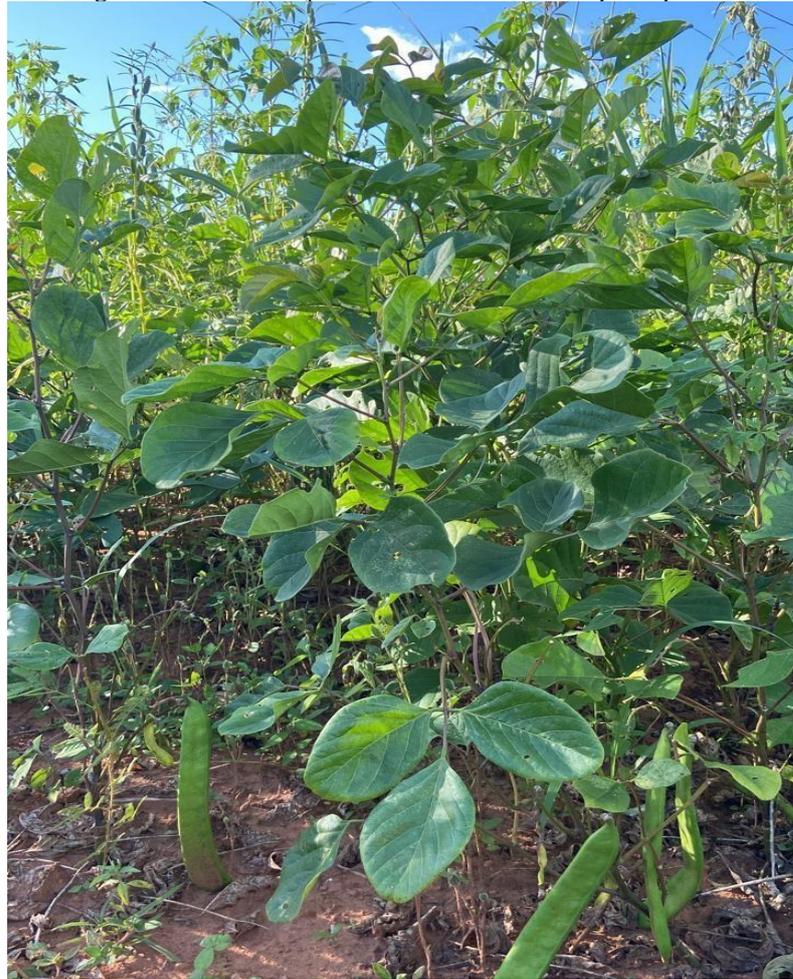
Figura 22 – Sementes sendo plantadas na terra, em linhas de muvuca, na sede da ACAMPAZ



Fonte: Arquivo de Ludmilla Balduino, da ARSX (novembro de 2022).

Dona Maria participou do plantio da muvuca registrada na imagem acima (Figura 22). A mais nova floresta foi plantada na sede da Associação Agroecológica Caminho da Paz, como amostra para toda a comunidade. Esta, por sua vez, se fortalece ao estimular o plantio de sementes nativas e de adubação verde em suas áreas dentro do assentamento, e tem em vistas repor, na floresta, aquilo que o próprio ser humano retirou.

Figura 23 – Germinação da muvuca três meses após o plantio



Fonte: Pelo autor (fevereiro de 2023).

Três meses após o plantio das sementes, encontramos uma floresta germinada e crescida. Neste pequeno espaço de chão, encontrei espécies de árvores nativas e árvores frutíferas, como: lixeira, tingui, lobeira, garapa, caroba e urucum. Também identifiquei espécies de adubo verde, isto é, espécies que terão pouco tempo de vida, servirão para dar sombra às demais espécies e depois morrerão, tornando-se matéria orgânica e fortalecendo a muvuca. As espécies de adubo verde são: feijão de porco, crotalária e feijão guandu. As sementes dessa muvuca, tanto do adubo verde como das demais, poderão ser coletadas e entregues à ARSX.

Figura 24 – Germinação e crescimento das sementes de caju dentro da muvuca



Fonte: Pelo autor (fevereiro de 2023).

A Figura 24 registra uma muda de caju que, frondosamente, desponta no meio da floresta que está a crescer. Plantar florestas é plantar a esperança na comunidade. Esperança, naquela perspectiva freireana: “enquanto te espero trabalharei nos campos e dialogarei com homens, mulheres e crianças, minhas mãos ficarão calosas, meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos, meu corpo será queimado pelo sol” (Freire, 2000, p. 6).

Indaguei a coletora Dona Maria se, na escola, as crianças e adolescentes estudam temas relacionados à preservação ambiental. Ela, como professora de formação, percebe que o currículo da Educação Escolar de Mato Grosso não contempla esses temas, tampouco valoriza os saberes das comunidades locais.

O conjunto de conhecimentos ensinado nas escolas é, na verdade, “um conjunto fechado de conhecimentos, alimentando-se de ideias tiradas do mesmo conjunto de conhecimentos, ao passo que a sociedade tem pouca ou nenhuma influência na elaboração desse currículo científico” (D’Ambrosio, 1993, p. 66). Por essa razão, as crianças que não convivem com a prática da coleta de sementes não compreendem a importância dessas

atividades. Em contrapartida, as crianças filhas das coletoras de sementes, que vivem junto ao grupo, participando das atividades, crescem sensibilizadas com a responsabilidade socioambiental que o movimento em questão exige.

Minha convivência com as coletoras buscava não apenas olhar as práticas diárias, mas também entender seu modo particular de compreender o mundo: “Às vezes a gente está coletando e até esquece de ir embora. [...] Aqui pra mim é uma terapia, eu esqueço o mundo lá fora”, relata Dona Maria. A relação da mulher com a natureza tem outra tonalidade, vem de outra semântica, e isso favorece um processo que, muitas vezes, serve como modelo para superar nossa sociedade machista, opressora e capitalista.

O sonho de cada coletora é que o quintal se torne uma floresta, podendo, a partir dali, alcançar uma segurança alimentar que garanta a estabilidade da família.

Figura 25 – Residência de Dona Maria, registrada do alto da serra, dentro do sítio da família



Fonte: Pelo autor (maio de 2022).

Caminhando no quintal de Dona Maria, atravessamos uma floresta nativa no alto da serra, e pude observar minuciosamente cada espécie ali presente. Em meio aos pés de ipê, pude perceber a leveza e a conexão entre a vida humana e a natureza. Como demonstrado na Figura 25, a casa onde mora a família de Dona Maria foi construída em meio à paisagem natural, possibilitando uma vida em conexão com a natureza. Percorrendo o sítio, encontrei, além das árvores nativas, dezenas de espécies de árvores frutíferas que foram plantadas na floresta, pela família. Vale ressaltar que a maior parte da arrecadação financeira da família de

Dona Maria é obtida em seu pedaço de terra, por meio da coleta de sementes somadas com a venda de polpas de frutas.

Na Bordolândia, a coleta de sementes se configura em uma atividade para o ano inteiro, tanto nos quintais produtivos como na reserva legal do PDS. Ali, os quintais produtivos são conjugados entre plantações de florestas com espécies nativas, árvores frutíferas e hortaliças.

Figura 26 – Sementes de caju, ipê branco, boca de sapo e tingui do cerrado, em processo de beneficiamento, coletadas por Dona Maria



Fonte: Pelo autor (maio de 2022).

Nas imagens acima (Figura 26), observamos a conjugação de sementes frutíferas com sementes de espécies nativas. Sementes de caju, ipê branco, boca de sapo e tingui do cerrado. As sementes de caju foram coletadas no quintal. Da fruta, é conservada a polpa para suco e venda na feira e nos mercados. A semente é beneficiada e entregue para a ARSX. As sementes do ipê, do boca de sapo e do tingui, foram coletadas na reserva dentro da terra de Dona Maria e se juntarão ao potencial entregue à Rede.

Em acordo com as demais coletoras e com a floresta, Dona Maria está ciente de que não se pode coletar toda a semente encontrada. Os anos de experiência indicam que as sementes deixadas na floresta serão consumidas pelos animais e aves, e delas ainda nascerão outras matrizes. Ela reconhece a necessidade de compartilhar a vida com os outros seres vivos, visando à conservação e preservação das riquezas naturais.

Figura 27 – Cultivo de hortaliças dentro do quintal de Dona Maria



Fonte: Pelo autor (maio de 2022).

Nesta horta, são cultivadas numerosas variedades de hortaliças, entre elas, cebola, pimenta, maxixe, coentro, alface, couve, rúcula e jiló. A produção é para consumo interno e para venda na feira da agricultura familiar, na sede da ACAMPAZ, dentro do assentamento e nas cidades vizinhas.

A respectiva coletora relata que a pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19), impactou os trabalhos e a vida no assentamento. As reuniões da comunidade também foram prejudicadas. Depois de um período sem encontros presenciais, tiveram que se reinventar, e criaram grupos de *WhatsApp* com o intuito de alimentar as relações, mesmo por meios remotos. Depois da pandemia, o grupo voltou a se reencontrar de forma presencial, reativando os laços de proximidade e retomando as atividades em mutirão.

Dona Maria chamou minha atenção para o fato de que antes ingressar na Rede de Sementes, ela e sua família conheciam muitas variedades de sementes, mas desconheciam as formas de comercialização. Após entrar para a Rede, iniciou-se um processo de ressignificação social e financeira, corroborando para a garantia da sustentabilidade de seu núcleo familiar e de toda a comunidade do Bambu. Enquanto coletam, somam-se inúmeras histórias e experiências que reforçam a construção dos saberes práticos que são repassadas de geração para geração.

Diante do que vislumbrei realizando esta pesquisa, compreendi que o trabalho de coleta de sementes é uma forma de valorização dos saberes tradicionais que consolida a cultura da comunidade. Cada semente possui sua trajetória particular. Cada uma conserva sua história que, somada às outras espécies, enriquece a coletividade. Da mesma forma, cada coletora traz consigo suas histórias, suas vivências e experiências, seus saberes e seus conhecimentos que, somados ao corpo social, constrói uma rede de sementes nativas que transcende a comercialização de sementes, mas promove a vida saudável.

6. MUVUCA DE SEMENTES, MUVUCA DE GENTE

Figura 28 – Sementes nativas, frutíferas e de adubação verde, coletadas pelos grupos da Rede, dispostas sobre uma lona onde serão misturadas, formando a muvuca



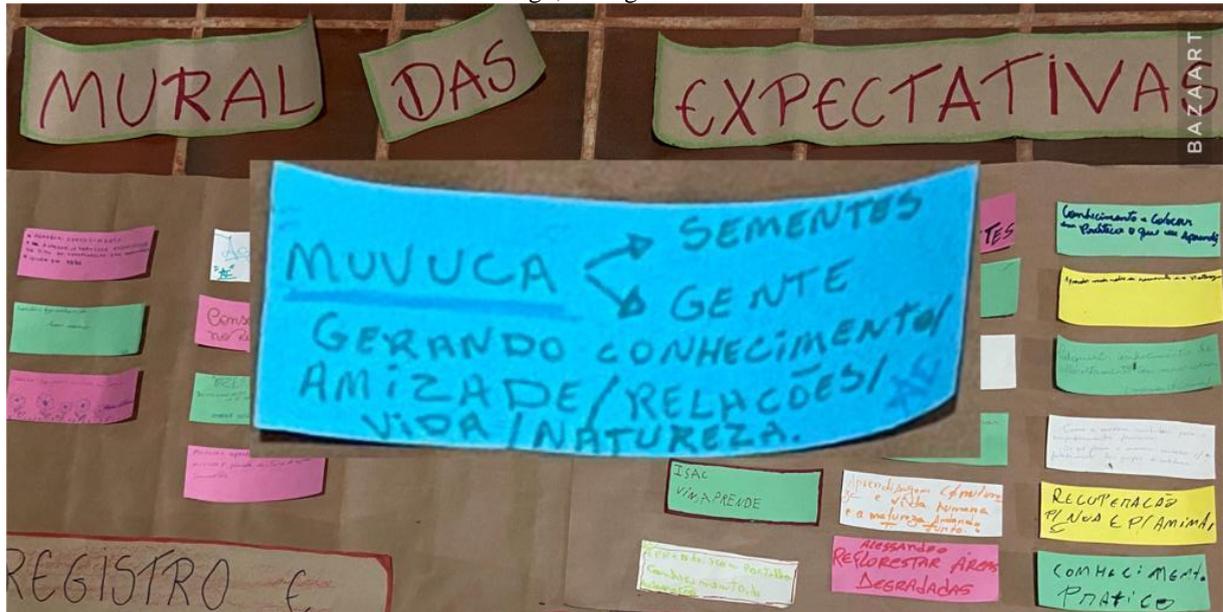
Fonte: Arquivo de Ludmilla Balduino, da ARSX (novembro de 2022).

“Muvuca de Sementes e Muvuca de Gente” foi o tema da I Formação em Restauração Florestal com Muvuca, da Rede de Sementes do Xingu, que aconteceu durante o segundo semestre de 2022, no PDS Bordolândia, na sede da ACAMPAZ.

Esta unidade exalta a valorização densa do caráter solidário da mulher perante a natureza, simbolizado pela “muvuca de sementes, muvuca de gente”. Nas linhas que seguem, destaco a reciprocidade e a conexão estabelecida pelas mulheres coletoras com a sociobiodiversidade, evidenciadas ao longo de todo o curso de muvuca.

Em uma das minhas visitas à comunidade do Bambu, em maio de 2022, num bate-papo com Andreia, coletora da Rede, ela me anunciou que, no assentamento, estava previsto um curso de restauração florestal com muvuca e, caso eu tivesse interesse em participar, ela encaminharia meu contato para a equipe de organização do evento. Ao retornar daquela viagem, recebi uma mensagem do João Carlos, membro da equipe da Rede e organizador do curso, me convidando para participar da formação. Com muito entusiasmo, fiz minha inscrição. Foram seis meses de muita experiência.

Figura 29 – Mural das expectativas, elaborado pelas participantes do curso de muvuca, promovido pela Rede de Sementes do Xingu, no segundo semestre de 2022



Fonte: Pelo autor (julho de 2022).

Para iniciar a referida formação, foi elaborado um mural das expectativas, conforme recorte da Figura 29, acima, com colaboração de todas as participantes. Cada coletora presente apresentou suas expectativas. No mural, é possível verificar o registro de uma participante que relaciona a muvuca de sementes à muvuca de gente. Muvucar é misturar aquilo que cada coletora em particular traz para enriquecer o coletivo, seja de sementes ou de gente, “germinando conhecimentos, amizade, relações, vida e natureza”, conforme registrado na imagem.

A I Formação em Restauração Florestal com Muvuca teve como objetivo contribuir para fomentar a cultura agroflorestal e a valorização das cadeias da agrobiodiversidade, através da produção comunitária de sementes nativas e restauração ecológica, por meio da muvuca, na região do Araguaia e Xingu. A Formação visou, ainda, difundir a técnica da muvuca, oportunizando a formação de grupos de multiplicadoras da prática de muvuca para a região.

Na tarde do segundo dia do primeiro módulo do curso de muvuca, motivado e inspirado pela energia contagiante das mulheres muvuqueiras, usei escrever uma poesia, que segue:

*Muvucar é semear vida
Num espaço de inspiração
Plantando semente, plantando gente,
Nascer florestas... revolução...*

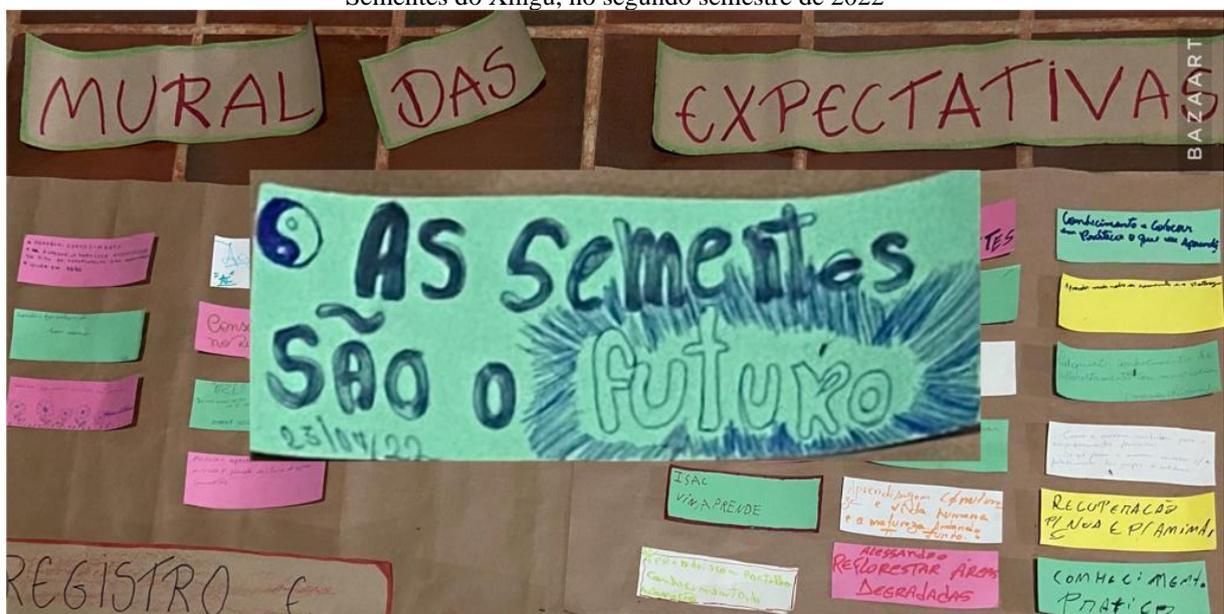
Pequena em tamanho, importantíssima em conteúdo,

*A semente conserva em si a riqueza de uma árvore frondosa
Tudo cresce lentamente e sem ruídos
Trazendo o futuro da vida nova (Boff, 2022).*

*Muvucar é andar na contramão
Na contramão do sistema,
Que desmata e envenena
E gera degradação*

*Vamos construir um caminho?
Andando em unidade
“Muvuca de sementes, muvuca de gente”.
Plantando, resistindo...
Germinando fraternidade.*

Figura 30 – Mural das expectativas, elaborado pelas participantes do curso de muvuca, promovido pela Rede de Sementes do Xingu, no segundo semestre de 2022



Fonte: Pelo autor (agosto de 2022).

O Brasil é um país consideravelmente rico em recursos naturais e apresenta uma diversidade biológica significativa, com enorme potencial de recursos hídricos. A região onde está localizado o PDS Bordolândia, por um lado, é, também, caracterizada pela abundância de recursos naturais. Por outro lado, historicamente, sofre investidas de grandes empresas que degradam esses recursos, causando danos ao meio ambiente. Entre as atividades que mais impactam o solo e causam danos ambientais, estão as atividades agropecuárias e o cultivo de monoculturas de grãos, como milho e soja.

A localidade onde se encontra a comunidade do Bambu teve o solo impactado devido a anos de cultivo agropecuário pela antiga fazenda Bordon, que ocupou o espaço durante décadas. Conforme já relatamos, as famílias, quando receberam suas terras, apesar de as

encontrarem férteis, tiveram dificuldade com a produção agroecológica, pois se tratava de um território com altas plantações de capim.

É nessa perspectiva que muvucar é “andar na contramão”; fazer muvuca e plantar sementes, nesse contexto, é um ato de revolução. Em razão disso, o recorte do mural das expectativas, apresentado na Figura 30, expressa a frase “as sementes são o futuro”, considerando que cada semente traz consigo a esperança e a certeza de uma vida nova, de um novo céu, uma nova terra, um novo lar.

Há uma rede de saberes com desdobramentos significativos. Cada semente coletada possui sentidos enigmáticos, que perpassa a coleta até a germinação, pois, coletar não é apenas colher as sementes: requer reunião de pessoas com projetos coletivos.

Tendo em vista essa realidade, o primeiro módulo do curso possibilitou aos participantes a elaboração de um diagnóstico da área, detectando os problemas e apontando os possíveis caminhos para correção do solo, antes da realização do plantio da muvuca. A metodologia utilizada possibilitou aos participantes compartilharem suas experiências e seus saberes. Acompanhei várias discussões do coletivo, buscando estabelecer um consenso diante das diversas observações que o grupo apresentava. Ao final, foi elaborado um planejamento comum, apresentando as interferências que seriam realizadas para correção do solo.

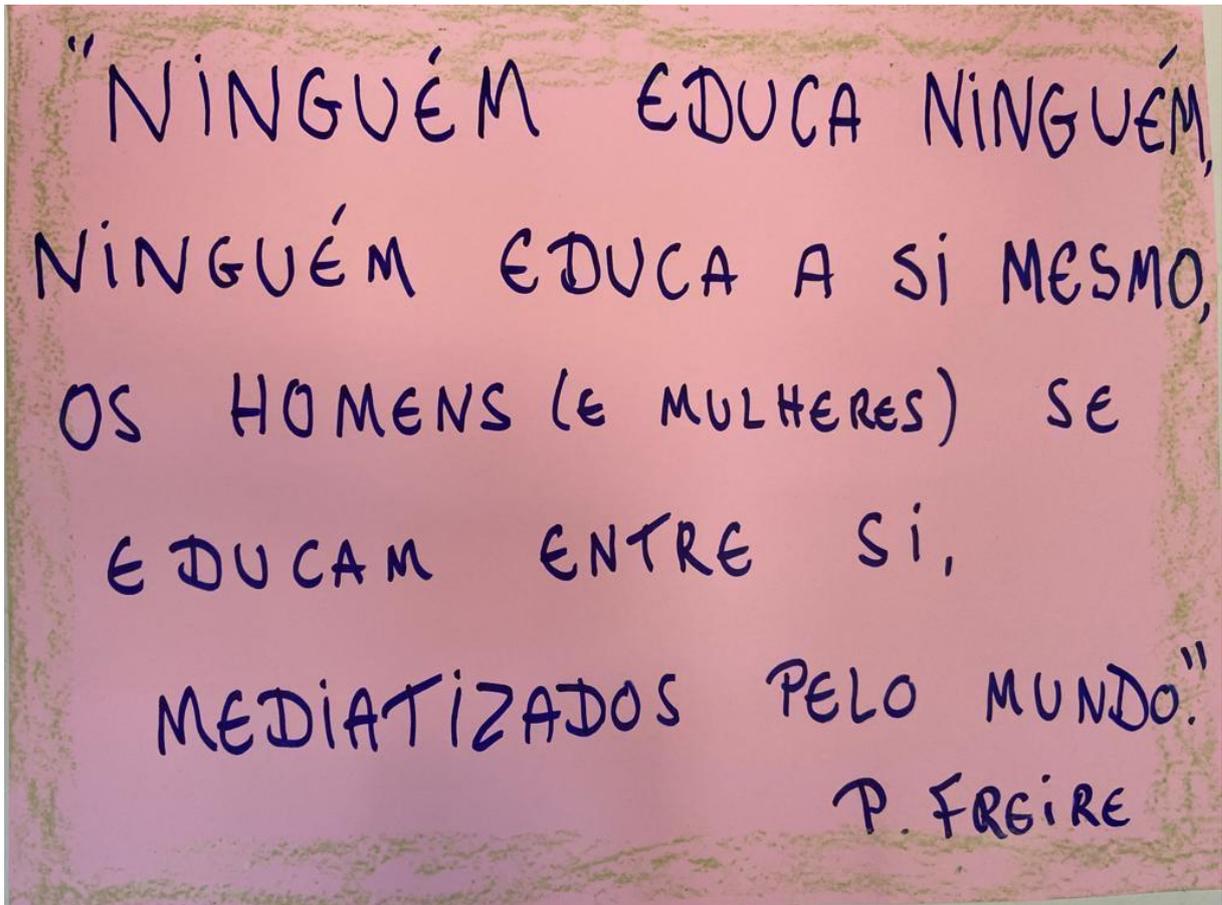
Minha presença durante esses dias de formação foi determinante para entender que, para a comunidade, o processo de reflorestamento mais eficiente é feito com a técnica da muvuca, de modo que, a maior parte das sementes comercializadas pela Rede de Sementes é utilizada na muvuca.

6.1. Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinha, as coletoras se educam entre si, mediatizadas pelas florestas

Com o decorrer dos dias, observando a vida da comunidade e vivendo a conexão de saberes e fazeres, experiências e conhecimentos, constatei que os ideais de Paulo Freire (1998), estavam sendo experienciados. O grande pensador da educação propõe uma metodologia que considera a pessoa participante como membra ativa do processo educativo. Freire objetiva uma educação que contribua para que a estudante aprenda a compreender o mundo para poder transformá-lo, sendo esta educação um ato de busca em que a estudante vai se constituindo comprometida com a responsabilidade de transformação da realidade em que vive. Isso só será possível através de uma compreensão de mundo que se efetiva com a tomada de consciência da realidade concreta.

Tendo em vista esta perspectiva, quando adentrei à sala ornamentada para a realização da I Formação em Restauração Florestal com Muvuca, no PDS Bordolândia, encontrei cartazes contendo fragmentos de grandes autores, como Paulo Freire, dispostos para que fossem, não somente visualizados, mas vivenciados.

Figura 31 – Excerto de Paulo Freire, em cartaz, disposto na parede da sala onde aconteceu a formação de muvuca



Fonte: Pelo autor (agosto de 2022).

A frase que vemos na Figura 31 aponta para o que propõe Paulo Freire, no que diz respeito a uma educação em que ensinar e aprender caminham juntos, e que a troca de saberes favorece o enriquecimento intelectual da coletividade. Nesse sentido, ressalto a importância da dinâmica vivida pelas coletoras que convergem com o processo educacional promovido por Paulo Freire (1996, p. 13), quando ele afirma que:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos e métodos de ensinar.

Ensinar e aprender se entrelaçam da mesma forma que a muvuca promove instantes de trocas e crescimento mútuo, diluídos entre o experienciar das mulheres e a terra. Um encontro

vitaminado de cuidados, saberes e ressignificação social. Nutrir a terra é nutrir a si mesmo e a comunidade. As protagonistas da muvuca se sabem interpeladas pelas sementes que dão sustentação a vida delas e da floresta.

No início das chuvas, em novembro de 2022, a área da muvuca na sede da ACAMPAZ foi cercada, as linhas para plantio foram feitas e, após a preparação do solo, a muvuca foi semeada.

Figura 32 – Momento de orientações e tira-dúvidas antes do plantio da muvuca

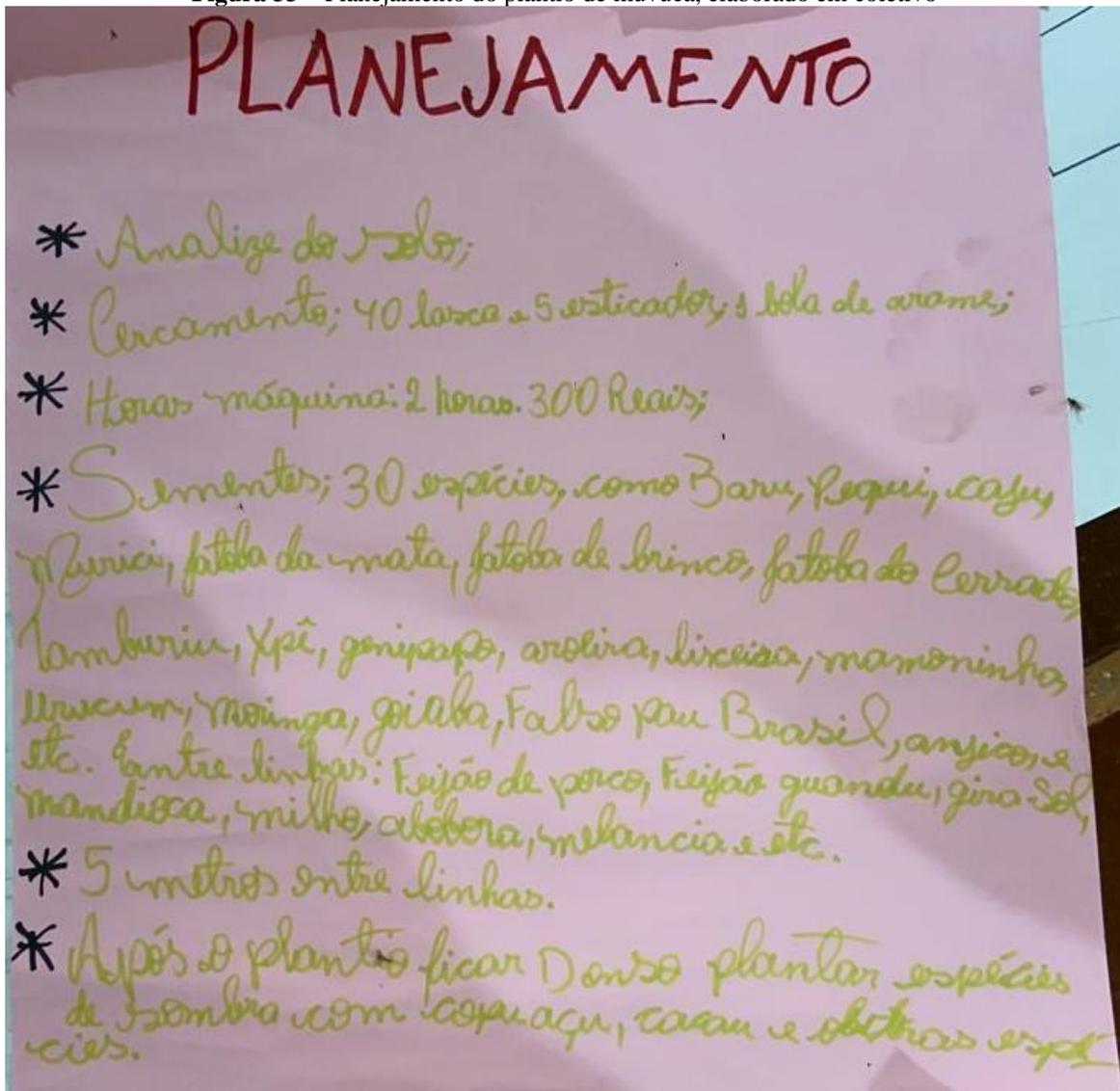


Fonte: Arquivo de Ludmilla Balduino, da ARSX (novembro de 2022).

A escolha das espécies de sementes para este plantio foi realizada em coletivo, durante os encontros do curso. Elas são todas apropriadas para o clima, solo e bioma da região. São sementes nativas, frutíferas e de adubação verde que já estão adaptadas com o Cerrado e à Amazônia brasileiros. Outrossim, estas espécies produzirão sementes que, posteriormente, poderão ser coletadas e entregues para a ARSX, tornando-se, além da restauração ambiental, fonte de economia para o grupo de coleta da Bordolândia.

Além disso, a área dessa muvuca ficará como amostra para toda a comunidade, convertendo-se em uma área demonstrativa, com objetivo de se tornar fonte de observação e pesquisa para a associação.

Figura 33 – Planejamento do plantio de muvuca, elaborado em coletivo



Fonte: Pelo autor (setembro de 2022).

O planejamento, simbolizado no cartaz acima (Figura 33), apresenta o caminho construído pelo grupo desde a análise do solo até o plantio da muvuca. Podem ser identificadas as 30 espécies de sementes escolhidas pela comunidade, entre elas: baru, pequi, caju, murici, jatobá da mata, jatobá de brinco, jatobá do cerrado, tamburi, ipê, jenipapo, aroeira, lixeira, mamoinha, urucum, moringa, goiaba, falso pau-brasil, angico. Essas espécies foram plantadas dentro das linhas da muvuca, enquanto nas entrelinhas, com objetivo de proporcionar adubação verde para a área, foram escolhidas sementes de feijão de porco, feijão guandu, girassol, mandioca, milho, abóbora e melancia.

Depois do solo preparado e a muvuca pronta, é hora de lançar as sementes na terra, conforme apresentado na imagem a seguir (Figura 34).

Figura 34 – Hora da muvuca



Fonte: Arquivo de Ludmilla Balduino, da ARSX (novembro de 2022).

Conforme se observa, esse plantio foi feito em linhas, pelas mãos das participantes do curso. Os saberes e conhecimentos da comunidade permitem que o processo de restauração ambiental se torne mais viável e eficiente, pois esse grupo possui experiências capazes de identificar as espécies e as exigências do clima e solo da região.

Para mistificar o último módulo do Curso de Muvuca, as coletoras entoaram a música *Baião das Comunidades*, de Zé Vicente (2015), por considerarem que ela canta a esperança e a vida das comunidades que lutam por dignidade. Em um único coro, cantamos:

*Somos gente nova vivendo a união.
Somos povo semente de uma nova nação ê, ê.
Somos gente nova vivendo o amor
Somos comunidade, povo do senhor, ê, ê.*

*Vou convidar os meus irmãos trabalhadores,
operários, lavradores, biscateiros e outros mais.*

*E juntos vamos celebrar a confiança
nessa luta na esperança de ter terra, pão e paz, ê, ê.*

Ref.

*Vamos convidar os índios que ainda existem
os povos que ainda insistem no direito de viver.*

*E juntos vamos ser unidos na memória
celebrar uma vitória que vai ter que acontecer, ê, ê.*

Ref.

*Convido os negros, irmãos no sangue e na sina,
seu gingado nos ensina a dança da redenção.*

De braços dados, no terreiro da irmandade

Vamos sambar de verdade enquanto chega a razão, ê, ê.

Ref.

*Vamos chamar Oneide, Rosa, Ana Maria,
a mulher que noite e dia luta e faz nascer o amor.*

*E reunidos no altar da liberdade vamos cantar de verdade,
vamos pisar sobre a dor, ê, ê.*

Ref.

Vou convidar a criançada e a juventude.

Tocadores, me ajudem, vamos cantar por aí.

*O nosso canto vai encher todo o país, velho vai dançar feliz;
quem chorou vai ter que rir ê, ê.*

Ref.

*Desempregados, pescadores,
desprezados e os marginalizados,*

venham todos se ajuntar à nossa marcha para a nova sociedade.

Quem nos ama de verdade pode vir, tem um lugar, ê, ê.

Não posso deixar de relatar que, entre um trabalho e outro, o cuidado com as companheiras é um elemento fundamental. Numa manhã de sábado, ao iniciar as atividades, percebi que eu não havia levado trajes apropriados para os trabalhos. A família da coletora Dona Jacinta, que me acolheu em sua casa, me emprestou roupas e calçados adequados para o serviço: calça, camisa de manga longa e coturno. No entanto, quando o sol despontou, no meio da muvuca, perceberam que eu não usava nada para proteger a cabeça. Do meio do grupo, levantou um jovem, se aproximou com uma sacola na mão e me entregou um boné. Assim, eu estava preparado para enfrentar o sol que despontava e pronto para a capina das leiras num dia de manutenção da mais nova floresta da Bordolândia.

Figura 35 – Nova floresta nascendo da muvuca



Fonte: Pelo autor (fevereiro de 2023).

A Figura 35 registra a floresta que nasce da muvuca. Com o auxílio de uma coletora, neste espaço, identificamos mudas de baru, caju, garapa e monjoleiro. Dona Dalvina e Lucélia, ambas oriundas do P.A Manah, que caminhavam comigo entre as linhas, evidenciaram, em nossas conversas informais, que quando essas arvorezinhas formarem uma floresta adulta, todas as mulheres daquele grupo poderão coletar as sementes e se beneficiar das riquezas naturais, pois o trabalho coletivo é marcado pela partilha, solidariedade e cooperação.

Nos espaços reservados das entrelinhas da muvuca, podem ser plantados itens que servirão de alimentos para o gado, como, por exemplo, cana e capim assú, para produção de ração. Quando a muvuca estiver crescida, o gado pode entrar, já que não a colocará mais em

risco. Nas entrelinhas, também podem ser cultivados outros tipos de agricultura, como mandioca, melancia, abóbora, feijão, e outros, conforme as necessidades ou escolhas.

O plantio em muvuca possibilita que, no processo de germinação, as plantas se beneficiem do período chuvoso para se fixarem na terra. Quando o período de seca chega, a muvuca estará robustecida. Outro elemento importante no processo de germinação é o fato de que as sementes possam germinar em coletivo, cada uma com sua função natural específica. As sementes de adubação verde germinam e se robustecem primeiro, fazendo sombra para as espécies mais frágeis. Após um certo período, o adubo verde morre e se torna matéria orgânica, dando mais vida ao solo e fortalecendo a floresta.

Preveno a infestação e o ataque de formigas cortadeiras nas árvores indefesas, as muvuqueiras inseriram no plantio sementes de herbicida natural: o gergelim. O gergelim, que germina com facilidade, atrai as formigas que se alimentam de fungos, e elas fazem a coleta das folhagens e as levam para seus ninhos no subsolo. As folhas do gergelim, por sua vez, fermentam e causam intoxicação ao formigueiro, eliminando a família das formigas cortadeiras. Desse modo, as coletoras acreditam que a muvuca estará protegida.

A construção de muvucas pelo assentamento é uma forma estratégica de enraizamento das famílias em suas terras. Com o avanço do agronegócio e o crescimento da monocultura na região, as coletoras continuam em risco iminente de serem expulsas. Em vista disso, enraizar-se no assentamento significa fortalecer os laços culturais, promover o empoderamento social e o engajamento da comunidade em prol do fortalecimento coletivo.

O cuidado das mulheres pela preservação das sementes é percebido durante todo o processo de identificação, seleção, armazenamento, transporte e comercialização. Observei que as mulheres possuem mais habilidades com este trabalho, enquanto os homens estão engajados nas atividades com o leite, gado, feira, etc. Trata-se do engajamento em prol de um coletivo no qual preservar a vida da sociobiodiversidade permeia todo o processo. As mulheres estão preocupadas com a diminuição das matas e com o aumento do calor. Para elas, são sinais de que a Rede precisa se fortalecer a cada dia.

6.2. O Comprometimento das mulheres muvuqueiras

Historicamente, a valorização da mulher percorreu caminhos de conquistas significativas em diferentes âmbitos: sociais, profissionais, familiares, etc. Isso se deve às lutas nas quais elas estiveram presentes como protagonistas em movimentos de contestações e

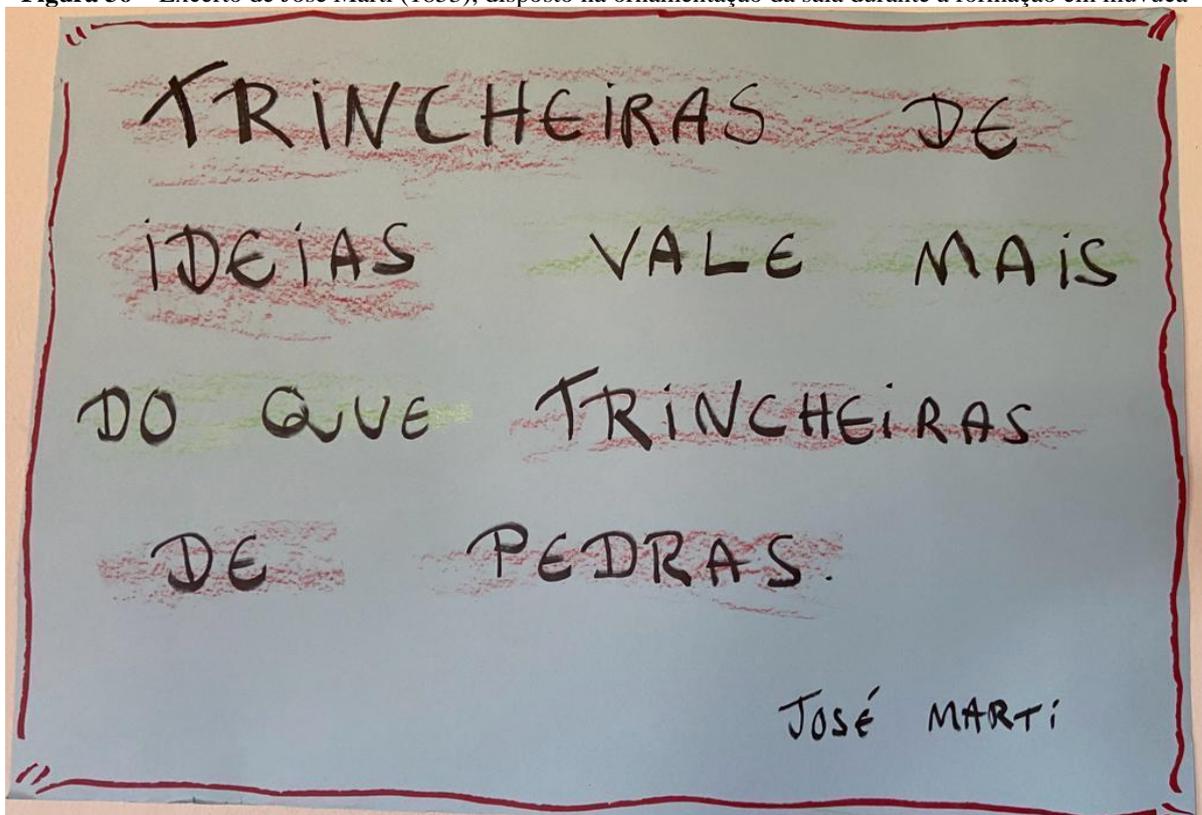
mobilizações, ao longo de nossa história. Organizaram-se, ocuparam universidades, instituições, buscaram seus direitos e deveres, desafiando o papel feminino tradicional.

Nesse sentido, quando a autora Conceição Evaristo (2016, p. 62) afirma que “eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”, ela demonstra a organização feminina como forma de resistência e sobrevivência. Percebe-se, pois, a mulher como protagonista da própria construção social, desprendendo-se de estereótipos, desmistificando sua própria figura e libertando-se de regimes, regras e ideologias que as secundarizavam e diminuía seus direitos.

Atento a esse aspecto, lancei meu olhar sobre o papel das mulheres, investigando a simbologia em torno do fortalecimento da figura feminina atualmente, em especial a mulher do campo, que protagoniza uma simbologia de lutas e potencializa autonomia, independência, empoderamento social, econômico e intelectual.

Por esse aspecto, ao construírem trincheiras de ideias, necessárias para manter viva a defesa das florestas, as mulheres coletoras desempenham o papel de apreender, dominar e usufruir os recursos disponíveis na floresta. Esse papel efetiva-se num saber-fazer transmitido ao longo de gerações de mulheres coletoras, pois o contato estreito com a floresta define a identidade do grupo social e lhes confere sentido de ser e existir (SILVA *et al*, 2014).

Figura 36 – Excerto de José Martí (1853), disposto na ornamentação da sala durante a formação em muvuca



Fonte: Pelo autor (agosto de 2022).

O excerto do líder popular cubano José Martí, no cartaz da Figura 36, foi disposto para ambientar a sala onde nos reunimos para o curso de muvuca, junto aos cartazes com textos de Paulo Freire. A frase aponta para a organização e resistência, oriundas da força da coletividade.

Durante o curso de muvuca, pude compreender como ocorre o processo de seleção de sementes e a articulação entre os saberes e fazeres das mulheres daquele grupo. Percebi alguns dos percursos que foram sendo construídos em seus cotidianos, observando as práticas socioeducativas que permeiam seus fazeres, como sistematização do contexto sociocultural no qual se estabelece uma conexão entre o conhecimento popular e os saberes intrínsecos como formas de resistência de um povo.

São capazes de recriar ou refazer o sabido e, assim sendo, mudam rotas, caminhos e reconstroem suas próprias aprendizagens. Rompem com o condicionado tradicionalmente a elas, vão além do que historicamente foi socialmente projetado para mulheres como elas.

A intencionalidade das projeções tradicionais colonizadoras engessa a mulher como figura limitada intelectualmente, configurando-a como refém de suas próprias limitações. Entretanto, as mulheres coletoras de sementes despontam atualmente como protagonistas de sua consagração. Nessa mesma perspectiva, Paulo Freire reflete que o “o mundo não é, o mundo está sendo” (Freire, 1996, p. 39), argumentando que essa configuração pode ser ressignificada.

À medida que minha presença foi se tornando convivência, notei que as mulheres possuem seus papéis bem definidos e são protagonistas de suas próprias histórias. Não estão ali como objetos da história, mas como pessoas autênticas no campo da cultura, da política e das realidades socioambientais. “Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade” (Freire, 1996, p. 40). As mulheres do Bambu, na Bordolândia, estão no mundo para refletir, intervir e mudar, o que implica numa tarefa geradora e potencializadora de novos saberes e de transformação social.

Não estar no mundo da acomodação é se lançar na busca incessante pela transformação de si e do meio em que vive. As coletoras tomaram posse disso, e como Paulo Freire (1996), se puseram a decidir, escolher e intervir em prol de suas configurações sociais. Tiraram as luvas, deixaram de constatar apenas, se propuseram a sentir, fazer e metamorfosear a figura feminina no cenário social da região do Araguaia e Xingu.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos vivenciando diferentes conflitos sociais que envolvem as mulheres, ora como vítimas, ora como protagonistas de revoluções sociais. É evidente que suas manifestações perante a sociedade vêm se fortalecendo cada vez mais na conjuntura atual. Nesta pesquisa, destaca-se a mulher do campo como protagonista da ressignificação social, sendo elas as personagens principais na conservação dos saberes nativos.

Esta pesquisa apresenta reflexões sobre os saberes e fazeres das mulheres coletoras de sementes da comunidade do Bambu, comprometidas num processo de contato direto com a floresta, evidenciando seu poder intelectual diante dos desafios encontrados. No campo, elas constroem saberes e efetivam técnicas e práticas de coletas que destacam a capacidade de transformação social.

O cerne desta pesquisa, portanto, está pautado nos saberes e fazeres das mulheres coletoras de sementes que manejam seus saberes para construir um processo coletivo e organizado economicamente de forma autossustentável. Permite refletir sobre nossas formas de estar no mundo que, por sua vez, são produzidas por um modelo de sociedade eurocêntrica e fomentadas por uma noção hegemônica de progresso predatório que tem contribuído para a geração de diferentes crises. Nesse processo, saberes e fazeres tradicionais tornam-se historicamente invisibilizados.

Pensar no protagonismo feminino, atualmente, é pensar para além das camadas sociais que cercam e envolvem a figura feminina como refém do sistema social que, ao longo do tempo, imprimiu um posicionamento secundário para as mulheres. Em contraponto a esta realidade, esta pesquisa aborda uma atmosfera que inspira pessoas a se lançarem como protagonistas da sua própria história.

Considero que a economia solidária, vivida pela comunidade, estabelece como fio condutor as responsabilidades coletivas em comunhão com a preocupação com o futuro que estão projetando. As coletoras, portanto, são protagonistas desse processo de conservação dos saberes e fazeres da sociedade camponesa dessa região.

A coleta está para além de selecionar sementes. Está pautada na resistência epistemológica dessas mulheres, que representam muito para sua comunidade: são símbolos de gestão familiar e coletiva. Conhecem e praticam um gerir econômico que se mostra como referência para as sociedades atuais, uma vez que estamos carentes de um processo socioeconômico que visa o bem viver coletivo e não o bem-estar individualizado. Enquanto o

mundo faz guerra, elas semeiam a coletividade, exemplificando como o “eu” está conectado com o “outro”.

Ver, ouvir e experienciar o dia a dia da comunidade me fez entender que, na relação entre as mulheres e a comunidade, elas, munidas de conhecimentos tradicionais, compartilham suas experiências, seus aprendizados e seus saberes ancestrais. Trata-se de pessoas que tomaram a decisão de trabalhar e viver as profundas relações com a floresta e com os outros seres que habitam esta terra, respeitando cada um. Esse sentimento de pertencimento é o que move a comunidade com esperança, a caminho da restauração socioambiental, protegendo a floresta em pé, as águas e defendendo a vida saudável de todos os seres.

Percebo que a coleta de sementes se mostra como uma atividade que a comunidade utiliza para se fortalecer enquanto coletividade e permanecerem na terra. Como disse Brenda, ex-agente da CPT Araguaia, em uma de nossas conversas já citadas anteriormente, “coletar é comunhão, é ser comunidade, é ser solidária, é se colocar na outra”. O verbo “ser” utilizado pela Brenda, em sua fala, indica que a atividade de coleta está impregnada à vida da comunidade, se mostrando como um eixo condutor que direciona aquelas mulheres à alteridade constituída por elas mesmas ao longo de suas vidas como mulheres, esposas, filhas e coletoras.

Nessa perspectiva, elas rompem com o aprisionamento dos pensamentos coloniais que lhes foram impostos historicamente. A prática de coleta de sementes resulta numa difusão de saberes sociais que desafia grandes referências econômicas empresariais no Brasil e no mundo. A coleta ainda torna possível agregar e operar num mesmo processo a autonomia econômica, o fortalecimento da coletividade e a preservação ambiental. São capazes de recriar ou refazer o sabido, numa atmosfera decolonial que agrega sabedoria, resistência e organização social. Assim sendo, mudam rotas, caminhos e constroem suas próprias aprendizagens. Além disso, rompem com o condicionado tradicionalmente a elas, vão além do que historicamente foi socialmente projetado para mulheres.

Evidencia-se que as Etnociências das mulheres coletoras de sementes são potencializadas por toda a comunidade. Suas experiências e seus saberes provocam a germinação de alternativas economicamente sustentáveis e resistentes, concebem a não degradação ambiental, gera lucro, existem e resistem em diferentes cenários no nosso Estado, que tem como referência a larga atuação do agronegócio. Em meio a isso, elas são exemplo de sustentabilidade numa conjuntura existencial que impõe o capital acima de tudo e de todos.

Na cosmovisão dessas mulheres, há uma relação íntima entre elas, os saberes práticos e as sementes, ancorada na construção de redes de resistência. Compreendo que a mulher do Araguaia e Xingu – MT perpassa por um longo processo de conquistas de espaços na sociedade. Destaca-se, nesta região, a mulher do campo, que sempre foi vítima dos conflitos oriundos das perdas de terras e direitos. Em vista disso, as mulheres coletoras simbolizam a ressignificação de um olhar para as mulheres da região do Araguaia e Xingu – MT. Assim sendo, elas são dignas de um processo minucioso de investigação que não se esgota com esta pesquisa.

8. REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G.; MOLINA, M. C.; CALDART, R. **Por Uma Educação do Campo**. Vozes, 2004.

ASSOCIAÇÃO REDE DE SEMENTES DO XINGU. **ATA SOBRE ALTERAÇÕES NO ESTATUTO - ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DA ASSOCIAÇÃO REDE DE SEMENTES DO XINGU**. Canarana – MT, 2021.

BALDUINO, L. (org.). **Livro do coletor: guia para autogestão e boas práticas da rede de sementes do Xingu**. -- 1. ed. -- Canarana, MT : Rede de Sementes do Xingu, 2022.

BÂ, Amadou Hampâté. **A Tradição Viva**. In: Ki-Zerbo, J. (Org.). História Geral da África I, Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação. (19) - Abr - 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. LEI nº 12.651, Art. 3º, 2012. Código Florestal Brasileiro [online]. Disponível em: <http://www.botuvera.sc.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/lei-12651-2012-codigo-florestal.pdf>. Acesso em: 22/12/2022.

CALDART, R. S. **Escola em Movimento** – Instituto de Educação Josué Castro. Expressão Popular, 2013.

CALDART, R. S. **A Escola do Campo em Movimento**. Currículo sem Fronteiras, v3, n.1, pp.60-81, jan/jul 2003.

CALDART, R. S. **Educação do Campo: notas para uma análise de percurso**. Trab. Educ. Saúde. Rio de Janeiro, v.7 n. 1, p. 35-64, mar/jun, 2009.

CASALDÁLIGA, P. **Uma Igreja na Amazônia em Conflitos com o Latifúndio e a Marginalização Social**. Carta Pastoral: São Félix do Araguaia, 1971. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org/Casaldaliga/cartas/1971CartaPastoral.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. INSTITUTO DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE MATO GROSSO - SR13. **Assentamentos - Informações Gerais**. Brasil, 2016. Disponível em: [https://painel.incra.gov.br/sistemas/Painel/ImprimirPainelAssentamentos.php?cod_sr=28&Parameters\[Planilha\]=Nao&Parameters\[Box\]=GERAL&Parameters\[Linha\]=5](https://painel.incra.gov.br/sistemas/Painel/ImprimirPainelAssentamentos.php?cod_sr=28&Parameters[Planilha]=Nao&Parameters[Box]=GERAL&Parameters[Linha]=5). Acesso em: 17 ago. 2023.

D'AMBROSIO, U.; MACHADO, N. J. **Ensino de Matemática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

D'AMBROSIO, U. **Etnometodologia, Etnomatemática, Transdisciplinaridade: embasamento crítico-filosóficos comuns e tendências atuais**. Revista: Pesquisa Qualitativa: significados e a razão que a sustenta. Vol.1, n.1, 2005. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ifKONLiUxScJ:https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/12/12+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 15 set. 2020.

D'AMBROSIO, U. **A Etnomatemática no Processo de Construção de uma Escola Indígena**. Em aberto, Brasília, ano 14, n.63, jul/set, 1994. Disponível em: <https://adelco.org.br/wp-content/uploads/2018/06/A-Etnomatem%C3%A1tica-no-processo-de-constru%C3%A7%C3%A3o-de-uma-escola-ind%C3%ADgena.-DAMBROSIO-Ubiratan>. Acessado em: 12out. 2020.

D'AMBROSIO, U. Prefácio. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Org.) **Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 11-45, 2004.

DICKMANN, I.; DICKMANN, I. **Paulo Freire: Método e Didática**. Chapecó: Livrologia, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342121591_Paulo_Freire_Metodo_e_Didatica. Acessado em: 01 nov. 2020.

EVARISTO, C. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FANTINO, M. C. C. B. (org.). **Etnomatemática – novos desafios teóricos e pedagógicos**. Niterói: Editora da UFF, 2009.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade**. 5º ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 36 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 32 ed., São Paulo: Paz e Terra. 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. 16ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 25ªed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Unesp, 2000.

GADOTTI, M. **Paulo Freire e a Educação Popular**. Revista Trimestral de Debates da FASE, [s/d]. Disponível em: <https://gepepidotnet3.files.wordpress.com/2011/02/paulo-freire-e-a-educac3a7c3a3o-popular-gadotti.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

GEERTZ. C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GEERTZ. C. **O Saber Local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIRALDO, V., MATOS. D., QUINTERO, W. P. (2020). Entre epistemologias hegemônicas e sabedorias outras: a matemática na encruzilhada. Revista Latinoamericana de Etnomatemática, 13(1), 49-66. DOI: 10.22267/relatem.20131.40.

JUNIOR, Armando Wilson Tafner; SILVA, Fábio Carlos da. **Alta Floresta: uma colônia de Ariosto da Riva em Mato Grosso**. Novos Cadernos NAEA, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 205-232, dez. 2016. ISSN 2179-7536. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/2527/4091>. Acesso em: 3 jun. 2023.

LEFF, E. **SABER AMBIENTAL: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexibilidade, Poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOLINA, M. C. **Direito Achado na Rua**. Imprensa Oficial: 2009.

MOLINA, M. C. **A Produção do Conhecimento na Licenciatura em Educação do Campo: desafios e possibilidades para o fortalecimento da Educação do Campo**. Revista Brasileira de Educação - 24- 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782019240051>. Acesso em: 23 jul. 2022.

MOLINA, M. C. **Educação do Campo e Pesquisa II: questões para reflexão**. Brasília: MDA/MEC, 2010.

NETO, L. B; BEZERRA, M. C. S. **Educação do Campo: referenciais teóricos em discussão**. Revista EXITUS, vol 01, N 01, Jul/Dez, 2011. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:q-fviA9MGKwJ:https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6078623.pdf+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 15 set. 2020.

RIBEIRO, T. **Viver da Terra: iniciativa no Xingu une agricultores e indígenas em defesa da floresta em pé**. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/viver-da-terra-iniciativa-no-xingu-une-agricultores-e-indigenas-em-defesa-da-floresta-em-pe>. Acesso em: 20 set. 2020.

ROCHA, A. L. C; ECKERT, C. **ETNOGRAFIA: SABERES E PRÁTICAS**. In: PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

SANTOS E SANTOS, M; SEVERINO-FILHO, J. As tecnologias digitais como alternativa de sobrevivência alimentar e financeira em tempos de pandemia do Covid-19. **Zeiki**. Barra do Bugres, v. 3, n. 1, p. 163-174, (2022).

SILVA, R. E; BONFIM, F. S; SOUZA, R. R. **MULHERES, SABERES PRÁTICOS, RELAÇÕES DE GÊNERO E A FLORESTA**. **Nova Revista Amazônica** v.2, nº1, Jan/Jun 2014, p.38-49. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/6293/5049>. Acesso em: 05 jun. 2021.